

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TOULOUSE ANDRÊAS SANTANA SCHULTZ

ENTRE LOUVORES E MILAGRES:

**Propaganda política através da Análise Crítica do Discurso (ACD) das Cantigas de
Santa Maria de Afonso X, rei de Leão e Castela (1252-1284)**

Porto Alegre
2023

TOULOUSE ANDRÊAS SANTANA SCHULTZ

ENTRE LOUVORES E MILAGRES:

Propaganda política através da Análise Crítica do Discurso (ACD) das Cantigas de Santa Maria de Afonso X, rei de Leão e Castela (1252-1284)

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de **Licenciatura em História**.

Orientadora: Profa. Dra. Cybele Crossetti de Almeida

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Schultz, Toulouse Andréas Santana
ENTRE LOUVORES E MILAGRES: Propaganda política
através da Análise Crítica do Discurso (ACD) das
Cantigas de Santa Maria de Afonso X, rei de Leão e
Castela (1252-1284) / Toulouse Andréas Santana
Schultz. -- 2023.
73 f.
Orientadora: Cybele Crossetti de Almeida.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Cantigas de Santa Maria. 2. Propaganda política.
3. Análise Crítica do Discurso. 4. Afonso X. 5. Idade
Média. I. Almeida, Cybele Crossetti de, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Quando saí da escola, em 2014, ainda era muito jovem e me sentia muito inseguro entrando em uma universidade federal. Possuía muitos gostos e muitas vontades e achava que meu futuro ainda era incerto, pois me formei no Ensino Médio e pensei: “o que fazer agora? A resposta veio ao decidir mergulhar em uma das minhas maiores paixões de escola: os números. Sim! Os números. Sempre se assustam quando digo que minha jornada universitária não começou na História, mas sim na Matemática. Quase sempre as respostas que ouvia eram de que as duas áreas eram grandes rivais e que não fazia sentido eu mudar para um curso tão diferente. Porém, apesar de amar os números e ter certa facilidade em matemática, a paixão pela História também esteve presente em minha vida desde muito cedo.

Por ironia do destino, lembro que em alguns dos meus anos escolares a disciplina que eu mais tive dificuldade foi justamente a de história e recorro na época que ficava frustrado por gostar muito do conteúdo, mas não conseguir ir tão bem como esperava. A maioria da turma via na professora Junara a grande culpada, pois todo mundo temia tirar “nota vermelha” com ela, e até mesmo eu, com minha mentalidade infantil, passei a acreditar que ela poderia ter sido a grande vilã. Contudo, hoje, eu consigo enxergar o quão incrível e importante ela foi na minha vida, pois minha paixão pela história e pela docência começou a partir dela. Mesmo temida e rígida, ela conseguia lotar a sala de aula, ser divertida, arrancar risadas e ainda ser a mais amada por seus alunos. Junara, este agradecimento não é só pela lembrança que tenho de ti, mas também pelo papel que você teve na minha formação para que eu pudesse chegar até esse momento. Muito obrigado!

Dito isso, acho injusto dizer que este é um trabalho autoral porque se não fosse pela ajuda e incentivo de tantas pessoas, ele não se realizaria. Para começar, em cada linha tem um modo de falar característico adquirido dos meus pais, Cinara e Gerson, desde que nasci. Foram vocês os meus maiores incentivadores e que tornaram toda minha graduação possível! Por isso que graças ao apoio e todo o amor que recebi de vocês eu pude chegar a esse momento que não é somente meu: é nosso! Vocês moldaram meu caráter e me ensinaram tudo sobre a vida, então não poderia pensar de outra forma. Obrigado por todo o amor, pelo aconchego dos abraços quando precisei, pela paciência e também, claro, pela ajuda financeira que infelizmente não foi pouca considerando que precisava atravessar a cidade toda para chegar ao Campus do Vale.

Da mesma forma, agradeço à minha namorada, Vitória, que mesmo indiretamente me ajudou a chegar até aqui. Talvez você não tenha noção disso, mas tu entrou na minha vida me apoiando em um dos momentos que eu mais precisava trabalhar meu emocional. Mas não para somente por aí, tu é a única que teve o privilégio de passar madrugadas inteiras estudando do meu lado, se divertindo e se estressando comigo, mas principalmente juntos, e essa troca que tínhamos durante a noite me possibilitou enxergar em ti a paixão que tu tem por estudar, e isso pouco a pouco foi tomando conta de mim também. Então por isso também te agradeço, meu amor, pois este trabalho também foi escrito com base no teu cuidado e paixão não só por mim como pelos estudos!

E o que falar dos meus professores? Primeiramente quero agradecer profundamente à Cybele, não só por ter me acolhido durante um período complicado como a pandemia de Covid-19, como também por ter me inspirado a seguir estudando a Idade Média. Foram várias conversas desde a elaboração do projeto de pesquisa até a entrega final deste trabalho em que muitas, muitas folhas foram rabiscadas nesse processo, mas que eu sou imensamente grato por ter sido assim porque me ajudou a perceber a pesquisa histórica de uma forma que eu jamais consegui da mesma forma com outro professor. Do mesmo modo, agradeço também à professora Gleny por ter sido tão acolhedora em me aceitar como bolsista de Iniciação Científica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e me apresentar à Análise do Discurso, campo o qual eu também acabei me apaixonando pouco a pouco e me possibilitou estudar a história de uma forma interdisciplinar. Às professoras Cybele e Gleny, portanto, meus sinceros agradecimentos! Esse trabalho também é fruto da influência de vocês.

Também não posso deixar de lado as amizades que adquiri ao longo de todos esses anos dentro e fora da graduação. Cada um teve a sua importância na minha vida e apareceu em um momento diferente: teve o Daniel, o Chong, o Francis, a Daniele, entre tantos outros, assim como o Raí, a Marina, o Thales, a Francine e o Darchan que tanto me aguentaram quando ainda estava na Matemática. Agradeço também ao João, meu melhor amigo há mais de dez anos e que me conhece por completo, me acompanhando praticamente durante metade da minha vida. Por último, impossível deixar a Clarissa de fora: minha parceira no grupo de pesquisa pela PUCRS e que sou imensamente grato por ter conhecido. Cla, tu não faz ideia o quanto tu me incentiva com tua força de vontade. Obrigado por tudo e pelas divagações aleatórias em que a gente se divertia colocando a Análise do Discurso para todas as situações possíveis. A todos vocês, meus amigos, meu muito obrigado! Costumam brincar que as fontes que utilizamos nos

nossos trabalhos são as “vozes da nossa cabeça”, mas na verdade ninguém se dá conta que essas vozes partem de inspirações como vocês.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por tornar possível a realização dessa etapa da minha vida. Agradeço a todos os professores que passaram pela minha jornada acadêmica e por tantos deles me inspirarem na minha trajetória como docente. Agradeço ao Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC) por ter me proporcionado não só um primeiro contato com alunos em sala de aula, como por realizar sonhos, tanto meus em ser professor, como dos estudantes que, assim como eu, conseguiram ocupar o seu espaço no ensino superior. E, por fim, agradeço imensamente à escola pública por ser o espaço onde me constituí enquanto sujeito em sociedade, e à educação popular, gratuita e de qualidade, que me levou a sonhar longe de que é possível mudarmos o mundo através dos estudos!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o suposto caráter propagandístico das Cantigas de Santa Maria (CSM), obra elaborada no reinado de Afonso X (1252-1284) em louvor à Virgem Maria, a partir das manifestações discursivas de suas composições. Por meio da análise textual, pretende-se identificar como o rei pode ter utilizado a obra como propaganda política para legitimar seu poder e impor seu projeto centralizador como modelo a ser seguido. Para tanto, primeiramente, são discutidos os significados de reconquista, fronteira e Espanha para o contexto medieval, a fim de compreender o reinado do monarca no tempo e no espaço, bem como o discurso afonsino a partir da realidade em que está inserido. O dispositivo teórico metodológico utilizado nesta pesquisa consiste na Análise Crítica do Discurso (ADC) proposta por Teun Adrianus van Dijk como guia de Análise do Discurso (AD), com o objetivo de identificar a posição de Afonso X como rei e enquanto propagador de ideais e de comportamentos por meio da prática discursiva. Por fim, com a análise da fonte, as composições são discutidas como um grande instrumento político que supostamente poderia promover a unificação social e política por meio da representação afonsina, na qual o rei poderia discursar sobre o cristianismo, estabelecer um modelo normativo a ser seguido e legitimar seu poder a partir da exaltação de sua visão de mundo em detrimento da construção negativa da imagem do Outro e daqueles que poderiam ir contra seus objetivos de governo no reino.

Palavras-chave: Cantigas de Santa Maria. Propaganda política. Análise Crítica do Discurso. Afonso X. Idade Média.

ABSTRACT

This work aims to analyze the supposed propagandistic character of the *Cantigas de Santa Maria* (CSM), a work elaborated in the reign of Afonso X (1252-1284) in praise of the Virgin Mary, based on the discursive manifestations of its compositions. Through textual analysis, it is intended to identify how the king may have used the work as political propaganda to legitimize his power and impose his centralizing project as a model to be followed. To do so, firstly, the meanings of reconquest, frontier and Spain for the medieval context are discussed, in order to understand the reign of the monarch in time and space, as well as the Alfonsine discourse from the reality in which it is inserted. The theoretical-methodological device used in this research consists of the Critical Discourse Analysis (CDA) proposed by Teun Adrianus van Dijk as a guide for Discourse Analysis (DA), with the objective of identifying the position of Alfonso X as king and as a propagator of ideals and behaviors through discursive practice. Finally, with the analysis of the source, the compositions are discussed as a great political instrument that supposedly could promote social and political unification through the Alfonsine representation, in which the king could speak about Christianity, establish a normative model to be followed and legitimize their power from the exaltation of their worldview to the detriment of the negative construction of the image of the Other and of those who could go against their objectives of government in the kingdom.

Keywords: *Cantigas de Santa Maria*. Political propaganda. Critical Discourse Analysis. Alfonso X. Middle Ages.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Texto e notações musicais da CSM 15 no Códice Rico.....	33
Figura 2 – Iluminaras presentes na narrativa da CSM 15 no Códice Rico.....	33

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	10
2 - O CONTEXTO IBÉRICO MEDIEVAL DO SÉCULO XIII: DIFERENÇAS POLÍTICAS E RELIGIOSAS.....	16
2.1 - Reconquista(s) e definições de fronteira(s).....	16
2.2 - O poder real na Península Ibérica medieval e o reinado de Afonso X.....	21
3 - ENTRE DISCURSOS E IMAGINÁRIOS: O CARÁTER PROPAGANDÍSTICO DAS CANTIGAS DE SANTA MARIA	30
3.1 - As Cantigas de Santa Maria	31
3.2 - A propaganda política nas canções marianas	35
3.3 - A legitimação do poder real afonsino a partir da Análise Crítica do Discurso.....	40
4 - DESVENDANDO O SUBENTENDIDO: OS USOS POLÍTICOS DO DISCURSO AFONSINO E SUAS SUPOSTAS FORMAS DE RECEPÇÃO	48
4.1 - Discursos e narrativas: modelos mentais impostos pelas Cantigas de Santa Maria.....	50
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	65

1 - INTRODUÇÃO

É certo que a Idade Média deixou um rico legado para nossa atual sociedade. O estudo deste período é, em grande parte, realizado a partir da perspectiva de que foi a época que lançou as bases para a modernidade. Entre elas, encontram-se a transição do antigo sistema feudal para o proto-capitalismo e o desenvolvimento das relações internacionais e do comércio que, por sua vez, impulsionaram o fortalecimento dos reinos e da classe burguesa. Contudo, dentre essas características, há uma outra de suma importância e que será um dos pilares do período pós Idade Média: o desenvolvimento do Estado moderno.

A partir desse olhar, podemos observar que existem diversas características que podem ser encontradas na Europa ocidental medieval e que podemos analisar como pano de fundo para o desenvolvimento do futuro Estado Moderno. Conforme Joseph Strayer (1986), a depender da forma como as sociedades se estabelecem e se fixam em determinados espaços, pode-se abrir margem para a estruturação de instituições políticas e econômicas que garantam a permanência e sobrevivência em seus domínios, de forma que as manifestações de lealdade deixam de ser somente para com o meio familiar para fazer parte de uma proteção à unidade territorial. Ou seja, essas são algumas das transformações que passamos a observar dentro do continente europeu: vemos que a Inglaterra, por exemplo, passou a se transformar política e economicamente com os cercamentos dos campos e as reformas religiosas que, por sua vez, tiveram grande importância para a posterior Revolução Industrial; observamos, também, que a França conseguiu estabelecer uma unidade política muito forte, a qual desencadeou a formação de um dos Estados mais absolutistas da Era Moderna.

Contudo, é interessante analisarmos o caso da Península Ibérica: como ressalta Adeline Rucquoi (1995), por conta da presença dos Visigodos e da posterior dominação islâmica, diversas línguas, culturas e costumes se desenvolveram e conviveram lado a lado dentro do que hoje chamamos de Espanha e Portugal. A autora ainda ressalta que, durante a reconquista dos territórios “perdidos”¹ aos muçulmanos desencadeada entre os séculos VIII e XV, diversos reinos cristãos foram ocupando esses espaços - entre eles destacam-se os de Leão, Castela, Navarra e Aragão - assim como esses mesmos territórios acabaram tendo suas próprias subdivisões, como a delimitação do Condado Portucalense e o de Barcelona. Dito

¹ O termo aqui toma o significado de ruptura, pois a transição de domínio de grande parte do território ibérico aos muçulmanos significou a “perda” da influência visigótica e romana da região. Além disso, inúmeras análises podem ser feitas sobre isso, pois a “perda” aqui também pode ser compreendida como religiosa, política e econômica para os reinos cristãos, o que pode ter contribuído como justificativa para o início do processo de Reconquista da península.

isto, a partir desta pluralidade cultural e de reinos na Península Ibérica medieval, de que forma podemos pensar a Idade Média como predecessora dos atuais Estados de Portugal e de Espanha?

Dentro dessa perspectiva, cabe pensar a importância da imagem dos reis como unificadores dos reinos e de centralizadores políticos, os quais se aliaram ao ideal da retomada dos territórios aos muçulmanos e à consolidação da fé cristã para garantirem a estabilidade e a legitimidade do poder². Dentre os principais governantes que se utilizaram dessas estratégias destaca-se Afonso X, o Sábio, que reinou em Leão e Castela entre 1252 e 1284. Afonso produziu diversas obras com o fim de legitimar o seu poder com base na afirmação da fé cristã e de retomar uma suposta “herança visigótica”, perdida com a conquista islâmica, assim como buscou introduzir diversas mudanças na estrutura política do reino, com o fim de alcançar uma maior centralização política e jurídica. Dentre suas principais obras, destaca-se a elaboração das Cantigas de Santa Maria: conjunto de 427 composições em galego-português que trazem relatos de milagres realizados pela Virgem Maria e poemas de louvor à figura da Santa³. De forma geral, esta obra permite uma variedade de estudos e interpretações sobre a diversidade cultural e religiosa que havia na Península Ibérica medieval a partir das análises das canções e das iluminuras que as acompanham.

As Cantigas⁴, essencialmente, têm um caráter religioso, exaltando a salvação pela fé cristã a partir de Santa Maria. Diversos estudos já foram realizados sobre essa obra, desde o que diz respeito à estrutura da composição e sua importância para reforçar o ideal da Reconquista cristã da Península Ibérica⁵, até às representações de judeus e muçulmanos em seus poemas e

² Há vários estudos já feitos sobre o tema. Ver, por exemplo, os trabalhos de José Maria Monsalvo Antón (2000/2002) e de Cybele Crossetti de Almeida (2007).

³ Para uma melhor compreensão da obra, ver o primeiro tópico do capítulo 3, o qual aborda especificamente os detalhes das Cantigas de Santa Maria.

⁴ Alguns autores como Joseph O’Callaghan (1998) e Aline Dias da Silveira (2009) descreveram as formas específicas de grafia referente à obra afonsina que seriam utilizadas em seus escritos. Para uma melhor compreensão, portanto, utilizando-os como parâmetro, as grafias colocadas no presente trabalho se dão da seguinte maneira: “Cantigas”, para se referir à obra como um todo; “cantigas”, para fazer menção ao conjunto de poemas; e “CSM”, abreviatura para “Cantigas de Santa Maria” e que está acompanhada do número de uma única composição.

⁵ Em particular, destaco as obras de Renan Montenegro e Gustavo Andrade (2019) e a de José D’Assunção Barros (2006), as quais abordam as Cantigas de Santa Maria sob uma perspectiva política de análise: o primeiro dialoga com o contexto histórico, político e social da Península Ibérica medieval enquanto o segundo aborda sobre as características que possibilitaram ao trovadorismo estabelecer a imagem de Afonso X como “árbitro de conflitos” para “[...] convencer parte da nobreza acerca da necessidade de seu projeto centralizador” (BARROS, 2006, p. 28). Contudo, estas obras ainda não nos oferecem um estudo político profundo sobre as composições propriamente ditas.

iluminuras⁶. Contudo, apesar de haver uma perspectiva religiosa e cultural, uma discussão mais profunda das Cantigas de Santa Maria como ferramenta política e discursiva de Afonso X na busca pela centralização do poder do reino castelhano ainda não é muito explorada.

Assim sendo, cabe perguntar, como uma suposta influência afonsina no imaginário⁷ social pode ter ajudado na formação de uma unidade política do reino de Castela? Para Sokolowski (2015, p. 123), as cantigas puderam influenciar na conduta da nobreza guerreira, sendo elas “[...] uma fonte privilegiada para compreendermos as relações da nobreza com seu rei autor, que se utilizou dos recursos a seu alcance para construir uma unidade e centralidade do reino.” Sendo assim, a presente pesquisa possui como principal objetivo identificar se as Cantigas de Santa Maria poderiam se caracterizar como ferramenta política de Afonso X para propagar seus ideais e legitimar seu poder, através da análise de como elas mencionam o reinado de Afonso X, como são representados os guerreiros nos poemas e qual é a forma de justiça aplicada nos milagres pela Virgem aos não cristãos, de forma que seja possível explorá-las a partir de um caráter propagandístico, o qual o Rei Sábio procurou utilizar seu discurso como ferramenta na mediação de conflitos entre ele e a nobreza, a partir do seu objetivo de construir uma identidade unificadora centrada na associação de sua imagem à de Maria e na projeção de um conjunto de valores e modelos a serem seguidos (SOKOLOWSKI, 2015). Tendo-se em vista a complexidade e a recorrência que estes eixos aparecem nas Cantigas, não é possível neste trabalho analisar todas as composições. Portanto, para que possamos realizar uma análise mais detalhada, optou-se por limitar a alguns milagres que possibilitam um estudo conjunto dos temas, de modo que em uma mesma cantiga seja possível compreender o caráter propagandístico da obra a partir das três questões de pesquisa propostas.

Ao observarmos a obra afonsina, identificamos que elas também possibilitam uma gama de análises interdisciplinares: além da área da História, também existem contribuições de

⁶ Ver, dentre outros, os recentes trabalhos de Hugo Rodrigues Miranda (2022) e de Yuri Leonardo Rosa Stelmach (2019, 2022), os quais, respectivamente, abordam sobre as representações dos muçulmanos e dos judeus nas iluminuras das cantigas.

⁷ Entende-se por imaginário o que Sandra Jatahy Pesavento (2012, p. 43) definiu como “[...] um sistema de ideias e imagens de representação coletiva [...]”, em que a partir de construções sociais e históricas sobre a realidade objetiva dar um sentido ao mundo. Dialogando com diversos outros estudiosos a autora também ressalta que o imaginário é um construtor de identidades e de exclusões porque, a partir da construção dos sentidos para a realidade, “Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito” (PESAVENTO, 2012, p. 43). Para além disso, Hugo Rodrigues Miranda (2022, p. 28) também destaca um ponto interessante ao comentar que essas representações coletivas propiciadas pelo imaginário possuem uma “historicidade em longa duração”, o que nos ajuda a compreender como as representações sobre a cristandade, a Virgem ou os Outros, ou seja, os não-cristãos, são construídas nas Cantigas de Santa Maria de modo que as diferenças entre elas são acentuadas tanto positivamente quanto negativamente, a depender do contexto social, cultural e religioso no qual o sujeito representado coletivamente está inserido.

estudos tanto da área da Letras⁸ como da Música⁹. Há uma tendência muito forte em se analisar o seu caráter poético, religioso e social, a partir do trovadorismo e da utilização do galego-português em sua composição, do forte culto mariano presente, e da exaltação ou menosprezo às diferentes religiões não-cristãs presentes na Península Ibérica medieval. Além disso, vemos também inúmeros trabalhos referentes à musicalidade e à presença das iluminuras na obra, o que a torna uma fonte inesgotável de possibilidades de estudos. Contudo, Marina Kleine (2005, p. 11) ressalta que “[...] os aspectos políticos dos poemas geralmente são pouco considerados pelos autores que abordam o pensamento político afonsino”.

Nesse sentido, além da diversidade religiosa da região, é preciso considerarmos que a Península Ibérica também passou por importantes transformações políticas, e estas manifestavam-se não só na prática como também na teoria: o culto mariano presente nos poemas, portanto, é antes de tudo uma forma de discurso, do qual Afonso X pode ter se beneficiado para promover sua legitimação no poder. A partir disso, o suposto caráter propagandístico das Cantigas estudado por alguns autores já citados como Marina Kleine e Mateus Sokolowski passou a ser observado através de uma nova perspectiva neste trabalho: a de que a propagação da imagem do rei se dá por uma prática discursiva, em que o texto, o som e a imagem reproduzidos pelo discurso presente na obra refletem visões de mundo particulares do monarca e do contexto histórico no qual a sociedade estava inserida.

Para nossa posterior análise do discurso das composições, é preciso compreender que as “visões de mundo” manifestadas por Afonso X são antes de tudo representações ideológicas. Mas o que é ideologia? Esta é uma pergunta complexa e não será o objetivo neste trabalho discorrer sobre as inúmeras definições sobre o conceito. Contudo, é interessante observarmos como Terry Eagleton (1997) analisa a ideologia enquanto um sistema de crenças que moldam as práticas sociais e políticas e que influenciam na forma como os sujeitos percebem a realidade. Segundo o autor, existem inúmeras definições possíveis para o termo e tentar de encaixá-las em um único significado seria quase impossível¹⁰. Porém, para compreendermos o discurso

⁸ Há diversos trabalhos que versam tanto sobre o idioma galego-português, quanto sobre as semelhanças e diferenças gramaticais das cantigas em comparação com o português e espanhol atuais. Como exemplo, ver as obras de Ângela Vaz Leão (2000) e Gisela Sequini Favaro (2020).

⁹ Este tema também já possibilitou diversos estudos. Em particular, destaco alguns dos inúmeros trabalhos de Manuel Pedro Ferreira (1993, 1994, 2000, 2011, 2013, 2017), os quais analisam os mais variados aspectos referentes à musicalidade das Cantigas de Santa Maria. Além disso, a dissertação de Mariana Ramos de Lima (2018) também é interessante porque, além de analisar as particularidades das notações musicais das cantigas, a autora também contribui com um olhar histórico sobre as menções à Santa Maria de Terena na obra afonsina.

¹⁰ Entre as várias definições para o conceito de ideologia, Eagleton (1997, p. 15-16) lista as seguintes: a) o processo de produção de significados, signos e valores na vida social; b) um corpo de idéias característico de um determinado grupo ou classe social; c) idéias que ajudam a legitimar um poder político dominante; d) idéias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante; e) comunicação sistematicamente distorcida; f)

afonsino como manifestação ideológica, talvez a definição mais cabível é de que a ideologia possibilita a legitimação do poder de um grupo social dominante, neste caso representado tanto pela posição de Afonso X enquanto rei quanto pelo Cristianismo enquanto modelo normativo a ser reproduzido e defendido no reino. Segundo Eagleton (1997), um poder dominante se legitima ao promover crenças e valores compatíveis com ele, de forma que tais crenças passam a ser naturalizadas e consideradas aparentemente inevitáveis, assim como ao desacreditar ideias que possam desafiá-lo ou ir contra seu pensamento, de forma que a realidade social passa a ser obscurecida caso não se enquadre no modelo estipulado. Dessa forma, o poder dominante possibilita a “[...] camuflagem ou repressão dos conflitos sociais, da qual se origina o conceito de ideologia como uma resolução imaginária de contradições reais” (EAGLETON, 1997, p. 19).

A partir disso, precisamos entender a legitimação do poder real presente no discurso afonsino a partir de algumas particularidades das suas representações ideológicas. Nesse sentido, compreendemos neste trabalho a ideologia conforme Teun Adrianus van Dijk (2015a) caracterizou como uma forma de cognição social, visto que ao possibilitar a legitimação do poder pelo discurso ela influencia e modifica os modelos mentais, ou seja, a cognição humana entendida como a forma que os sujeitos interpretam o mundo e agem em sociedade. Assim sendo, as ideologias serão analisadas enquanto representações sociais compartilhadas pelos grupos dominantes sobre eles mesmos e também sobre suas relações com o Outro, incluindo, por exemplo, critérios de pertença e convivência de forma que os interesses, os valores e as identidades de quem emana o discurso sejam socialmente compartilhados e tomados como um modelo normativo e um exemplo a ser seguido (DIJK, 2005; GUIMARÃES, 2022). Para as Cantigas de Santa Maria, portanto, a ideologia será observada enquanto uma percepção sobre a realidade e que possui influência sobre os modelos mentais referente às representações de situações sociais, tomando o objetivo político centralizador de Afonso X como foco do discurso reproduzido pelas cantigas e que privilegia a visão de mundo pretendida pelo rei sobre seu poder real, o lugar do Outro na sociedade e o papel da cristandade e da Virgem Maria como protetoras de seu reino.

aquilo que confere certa posição a um sujeito; g) formas de pensamento motivadas por interesses sociais; h) pensamento de identidade; i) ilusão socialmente necessária; j) a conjuntura de discurso e poder; k) o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo; l) conjunto de crenças orientadas para a ação; m) a confusão entre realidade linguística e realidade fenomenal; n) oclusão semiótica; o) o meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social; p) o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural.

Tendo isso em vista, cabe também ressaltar que essa pesquisa buscou contribuir em um campo de estudos já existente, porém a partir de outra perspectiva de análise. Como vimos, trabalhos sobre o caráter propagandístico das produções afonsinas já foram realizados, mas, como ressaltava Kleine (2005), os estudos sobre a propaganda na Idade Média - assim como suas manifestações discursivas - ainda são relativamente recentes, e não podemos ignorar o alcance das obras literárias, principalmente a partir da oralidade e, neste caso, também da musicalidade, não havendo razões para desconsiderarmos as Cantigas de Santa Maria como fontes que “[...] fornecem ao historiador indícios sobre determinados aspectos de uma sociedade, inclusive no que diz respeito à política” (KLEINE, 2005, p. 26). Portanto, a pesquisa propõe um aprofundamento sobre os estudos da política afonsina a partir da influência de seus discursos como meio propagandístico da imagem do rei, no qual buscamos inserir as Cantigas de Santa Maria como uma das ferramentas políticas do Rei Sábio para legitimar seu poder.

Para o desenvolvimento de nossa escrita, primeiramente é preciso colocar algumas reflexões sobre determinados conceitos que permeiam as discussões em torno do reinado de Afonso X e da história da Península Ibérica medieval como um todo, tais como as definições para Reconquista, Espanha e fronteira. Nos tópicos seguintes, abordamos especificamente as Cantigas de Santa Maria, explorada a partir do seu caráter propagandístico e, posteriormente, do seu caráter discursivo e ideológico. Para isso, utilizamo-nos das contribuições da Análise Crítica do Discurso (ACD) tal como Teun Adrianus van Dijk (2000, 2015a, 2015b) propôs para compreendermos as características que compõem a prática discursiva e como elas podem ser identificadas no cancionero mariano. Por fim, no último tópico, utilizamos tanto as edições das Cantigas de Santa Maria elaboradas por Walter Mettmann (1959-1972), quanto a tradução ao castelhano das composições realizada por Elvira Fidalgo Francisco (2022), para examinarmos algumas cantigas a partir deste dispositivo teórico-metodológico de análise. São elas as CSM 15, 137, 152, 165 e 233. Para uma melhor compreensão destas narrativas que serão analisadas, assim como da obra de modo geral, recomenda-se tanto a consulta de Fidalgo Francisco (2022)¹¹ por apresentar uma leitura mais acessível dos poemas como também o site “Cantigas de Santa Maria for Singers”¹², o qual fornece uma lista com todas as composições em seu idioma original, assim como suas respectivas notações musicais e a localização de cada uma dentro de cada um dos códices manuscritos.

¹¹ Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/traduccion-al-castellano-de-las-cantigas-de-santa-maria-de-alfonso-x-el-sabio-1138916/>

¹² Disponível em: <http://cantigasdesantamaria.com/index1.html>

2 - O CONTEXTO IBÉRICO MEDIEVAL DO SÉCULO XIII: DIFERENÇAS POLÍTICAS E RELIGIOSAS

Discorrer sobre a Idade Média, como sobre qualquer outra época histórica, é uma tarefa desafiadora. O período abrange quase um milênio de história e, mesmo que delimitamos nosso estudo para apenas poucas décadas, ainda assim teríamos uma gama significativa de acontecimentos e particularidades a serem analisadas. Pensando nisto, há de se considerar que nestes quase mil anos¹³, a Idade Média passou por inúmeras transformações que vão muito além dos movimentos cruzadistas ao oriente ou do surgimento do Feudalismo. Posto isso, neste trabalho abordaremos a Península Ibérica medieval, especificamente durante o reinado de Afonso X de Leão e Castela, que governou entre 1252 e 1284. Contudo, mesmo com tamanha redução do período de análise, é necessário refletirmos sobre diferentes conceitos e acontecimentos que ajudaram a construir e, agora, ajudam a narrar a história do extremo ocidente medieval.

Diante disso, emergem os seguintes questionamentos: como surge a atual Espanha que conhecemos hoje? Como os reinos ibéricos medievais se organizavam nos aspectos político, social, religioso e cultural? Qual foi o impacto da Reconquista neste processo? Com tantas particularidades, é possível compararmos o caso ibérico com outros locais na Idade Média como França e Inglaterra? São inúmeras as perguntas e mais inesgotáveis ainda as respostas, e não será o objetivo deste trabalho apresentar cada uma delas. Contudo, queremos entender em que condições o poder real de Afonso X era exercido e, para isso, precisamos retroceder no tempo e analisarmos algumas particularidades que o fizeram chegar até tal posição e ser reconhecido pela alcunha de “O Sábio”, o que procuraremos compreender posteriormente através do discurso transmitido pelas Cantigas de Santa Maria sobre o projeto político que o monarca pretendeu instaurar em seu reinado.

2.1 - Reconquista(s) e definições de fronteira(s)

O primeiro conceito que devemos analisar é o de Reconquista. Não é necessário detalhar sua definição ou nos debruçar sobre o período em questão neste trabalho, mas é válido trazermos algumas reflexões de Adeline Rucquoi sobre o assunto. A autora nos reforça que a Reconquista foi um movimento de caráter militar e religioso, em que havia uma disputa pela

¹³ Considera-se este número apenas enquanto periodização histórica, a qual está genericamente delimitada entre 476 e 1453 da Era Comum (EC).

predominância entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica. Entretanto, para compreendermos posteriormente as características encontradas no governo de Afonso X, é preciso considerarmos que a mesma também serviu como base para o poder real na Espanha medieval porque, quando assimilada a uma cruzada, “[...] justifica al rey y le permite situarse como cabeza de su nobleza y protector de sua Iglesia [...]”¹⁴ (RUCQUOI, 1992, p. 80).

Além disso, há de se considerar que essa “disputa pela predominância” está muito além da busca pela dominação militar ou religiosa. Talvez exatamente por este motivo que o conceito deve aqui ser mencionado com sua inicial maiúscula, pois a Reconquista enquanto acontecimento histórico pode ser desmembrada e analisada a partir de seus diversos aspectos, em que inúmeras “reconquistas” estavam em pauta: houve a reconquista territorial, a partir da ocupação do espaço; a reconquista religiosa, a partir da imposição direta, mas não imediata do cristianismo; a reconquista político-econômica, a partir do avanço dos reinos e da dominação sobre os muçulmanos vencidos; e a reconquista ideológica-cultural, ao promover a recuperação de um mito de origem dos reinos cristãos que agora se estabeleciam e ao possibilitar a imposição da cristandade como salvadora e unificadora da sociedade ibérica.

Neste sentido, a partir do momento em que essas “reconquistas” vão, de forma gradativa, dando mais espaço à cristandade, o poder real na Espanha medieval também acabou ganhando mais força e legitimação, pois a Reconquista “[...] permitió al rey ser un defensor *patriae perpetuo*, un noble y un caballero, y ejercer así al más alto grado la función guerrera propia de la casta nobiliaria medieval” (RUCQUOI, 1992, p. 68, grifo da autora). Portanto, quando Afonso X assume o poder em meados do século XIII, o significado de ser um rei na realidade ibérica medieval assumia características próprias, decorrentes dos acontecimentos advindos da Reconquista e de outros fatores que assumiram representações simbólicas para a sociedade e que abordaremos aqui posteriormente. O que se enfatiza, por fim, é que a Idade Média constitui um período importante da nossa história, e não podemos utilizar das mesmas análises realizadas sobre o poder real na França ou na Inglaterra para compreender como o mesmo se deu no extremo ocidente medieval, ao considerarmos todas estas particularidades.

Da mesma forma, um segundo conceito muito importante para compreendermos o funcionamento do poder real nesta região antes e durante o governo de Afonso X é o de fronteira. Hoje, com os Estados nacionais, entendemos por fronteiras os limites territoriais

¹⁴ Para as citações em espanhol, optamos por mantê-las com suas grafias originais no corpo do texto. Por outro lado, realizamos as traduções para as obras citadas que originalmente foram produzidas em outros idiomas, porém mantemos a citação original em notas. Por fim, para o caso em que citamos nossa fonte primária, optamos por manter a grafia original em galego-português na escrita deste trabalho e a tradução das cantigas ao castelhano elaborada por Elvira Fidalgo Francisco (2022) nas notas de rodapé.

existentes entre dois ou mais países, em que linhas imaginárias são traçadas para separar culturas, idiomas, religiões ou economias¹⁵. Contudo, na Idade Média, o Estado Moderno ainda não existia e apenas as características “embrionárias” do nacionalismo começavam a se destacar. Conforme María de la Concepción Piñero Valverde (1997, p. 151), inicialmente, “tratar da Espanha entre os séculos XI e XIII é tratar da fronteira entre o islã e a cristandade” Porém, neste período, é preciso considerar que os territórios ainda não estavam bem delimitados, pois “a fronteira medieval não consistia em um limite linear, mas em uma zona de confronto e de trocas” (DEMURGER, 2002, apud SILVA, 2014, p. 293). Ou seja, precisamos pensar a Península Ibérica medieval como um local de várias fronteiras, onde o islã e o cristianismo disputavam espaço e onde características culturais particulares somavam-se às diferenças religiosas, manifestando-se em cada um dos lados em um constante avanço e retrocesso das linhas imaginárias fronteiriças. Do mesmo modo, assim como estas várias fronteiras não eram fixas, elas também podiam se sobrepor umas às outras, pois, apesar de algumas regiões divergirem nos campos cultural, político ou religioso, muitas delas também possuíam lealdades compartilhadas. Como consequência, o sentimento de pertencimento a uma determinada região ainda era incerto: as sociedades, com identidades próprias, eram muito mais absorvidas pelas conquistas territoriais ao invés de se “encaixarem” na identidade do conquistador: utilizando de forma metafórica das palavras de Benedict Anderson (2008) é como se existissem “comunidades imaginadas”, em que os diversos reinos ibéricos tinham uma representação simbólica de unidade, sendo que os mesmos possuíam sob seus domínios distintas comunidades que apresentavam características próprias e que nem sempre se sentiam parte de determinado território ou submetidas a um rei em particular.

Segundo Miguel-Angel Ladero Quesada (1998), é a partir do final do século XIII - ou seja, por volta do término do reinado de Afonso X - que o conceito de fronteira passou a ser entendido como “[...] manifestación de los límites a los que llegaba el poder de un rey, que comenzaba a encarnar **la noción de Estado y la de soberanía** aunque ambas no estuvieran aún precisadas con la claridad que se alcanzó en tiempos posteriores” (LADERO QUESADA, 1998, p. 656, grifo nosso). Esse destaque é extremamente importante para a posterior análise do poder real exercido por Afonso X, já que, havendo este entendimento sobre o conceito, aliado à Reconquista e ao fortalecimento da cristandade na Península Ibérica, o papel do rei enquanto mantenedor dessa nova unidade territorial, espiritual e militar que surgia se saía fortalecida com

¹⁵ Um exemplo disso encontramos nos mecanismos de controle existentes nessas fronteiras, como postos policiais e aduanas que fiscalizam e monitoram a entrada e saída de pessoas e mercadorias em cada território.

as fronteiras aparecendo não só como divisões culturais ou religiosas, como também limites entre espaços diferentes.

Contudo, além de termos em mente esses diversos significados de fronteira, é preciso levar em consideração que, assim como acredita Juan Antonio Barrio Barrio (2011/2013), no fim da Idade Média começam a ser construídos os primeiros conceitos para fronteira e nação, mas esses significados eram discutidos e assimilados pela classe dirigente, enquanto o restante da sociedade ainda possuía outro entendimento para estes termos. Ou seja, esta é uma informação importante a se destacar porque, embora haja a recuperação territorial pela cristandade com o decorrer da Reconquista, assim como o fortalecimento da imagem do poder real enquanto símbolo guerreiro e religioso, a fronteira, que pelos reinos agora passava a ser compreendida também como limite territorial, para a grande sociedade ainda era vista apenas como limite entre religiões, entre cristãos e não-cristãos: para o estudo do medievo, o termo acaba sendo utilizado muito mais para identificar os limites territoriais entre cristãos e muçulmanos do que entre os diversos reinos cristãos ibéricos (BARRIO BARRIO, 2011/2013; RODRIGUEZ LOPEZ, 1994).

Por fim, para concluirmos essa primeira parte sobre algumas das características presentes na Península Ibérica Medieval que influenciam profundamente o desenvolvimento do poder real, é preciso pensar sobre uma última questão: o significado de Espanha¹⁶. Quando e como surge a nação Espanha? O quanto o medievo contribuiu para tal formulação? Se a Reconquista proporcionou a retomada de territórios que anteriormente eram cristãos e o significado de fronteira começou lentamente a ser entendido para além do limite entre distintas culturas e religiões, o quanto estes e outros fatores podem ter influenciado em um sentimento de pertencimento a uma “nação”?¹⁷ Com a gradual retomada da Península, apesar do desenvolvimento de diferentes reinos e do domínio cristão, o que prevalece é o sentimento de reconquista de um amplo território que antes fora de seus “antepassados”: é o “direito” de pertencimento à terra; a recuperação de uma *Hispania* Visigótica e romana que a cristandade ibérica medieval reivindica como herança.

¹⁶ Cabe destacar, contudo, que o objetivo é o de destacar o significado político e social da palavra durante o medievo, e não a origem de sua etimologia. Para além disso, ao pensarmos sobre o termo Espanha durante a Idade Média, acabamos por precisar analisar todo o contexto peninsular do período, visto que a região podia ser referenciada a partir de outros nomes e em diferentes épocas, como Ibéria, Al-andalus e Sefarad. Para este trabalho, focaremos em analisar somente a forma como os reinos cristãos se utilizaram da palavra para a reconquista de uma unidade peninsular.

¹⁷ Percebe-se o anacronismo presente na pergunta, pois o uso e desenvolvimento do termo nação já é posterior ao fim da Era Medieval, com o surgimento dos Estados nacionais. Para este período, seu significado era outro: “España o Hispania es presentada, por tanto, como un espacio geográfico, no como una entidad nacional o estatal” (BARRIO BARRIO, 2011/2013, p. 42).

Uma autora extremamente importante para esta discussão e para o estudo da história da Espanha medieval é Adeline Rucquoi. Em suas mais variadas obras (1992, 1993, 1995, 2012, 2014), Rucquoi analisa como o poder real foi se constituindo em uma realidade tão particular como a da Península Ibérica. Abordando o significado de “Espanha” e o impacto que ele possui para a sociedade ibérica deste período, a autora deixa claro que o poder do rei não se dá no território enquanto “reino”, mas sim enquanto “terra”, onde todos estão inseridos, pois “Espanã es ‘la tierra’, el mundo” (RUCQUOI, 2012, p. 60). Para além disso, Rucquoi (1992, p. 64) enfatiza que, sendo diferente das formas encontradas na França e na Inglaterra, “la naturaleza del poder real en la península ibérica medieval deriva del derecho romano, revisado a mediados del siglo VII por los visigodos [...]”. Falar em “Hispania” significa, portanto, resgatar uma história muito mais antiga do que os reinos cristãos medievais e que estava já inserida dentro do passado romano e visigodo, passado este tido como glorioso e tomado como objetivo a ser reconquistado, em uma tentativa de retomar a unidade peninsular hispânica que havia antes da chegada dos muçulmanos. Reconhecida para além da região, diferentes reinos europeus também já consideravam os habitantes da Península como “hispani” (RUCQUOI, 2012), o que acentua o impacto de seu significado para além de sua zona de influência: *Hispania* se transforma de espaço político pertencente a um Império para território geográfico pertencente à sociedades e culturas locais.

O território peninsular, no passado, apesar de se localizar no extremo ocidente europeu - e para a época, também do mundo conhecido - constituía a Hispânia romana e estava longe de se caracterizar como uma zona periférica, pois, estando dentro do antigo Império Romano, a região também foi urbanizada, romanizada e evangelizada muito cedo, estando “[...] en el centro del mundo” (RUCQUOI, 1992, p. 63). Com a chegada dos visigodos, muitas das características romanas vão prevalecer ou ser adaptadas para uma nova realidade em que não só as sociedades se entrelaçaram nas decisões políticas e econômicas, como também passaram a compartilhar da mesma religião - com a conversão visigoda do arianismo para o catolicismo - e semelhanças culturais. Esse processo de domínio e de assimilação da *Hispania* romana, assim como da expansão territorial peninsular com a conquista de regiões que estavam sob domínio de outros povos germânicos como os Suevos, os Vândalos e os Alanos, trouxe para a região uma característica de unidade peninsular que perdurou na mentalidade dos reinos cristãos medievais a partir da Reconquista. A conversão dos visigodos proporcionou a assimilação sociocultural, a qual, além de possibilitar a criação de um sistema legal para os habitantes do reino, também levou os diferentes grupos peninsulares a se caracterizarem como uma sociedade unitária

formada pela união do *populus gothorum* e do *populus romanorum* (GEARY, 2005). Neste sentido, Geary (2013, p. 29, grifos do autor) também comenta que “[...] as diversas ‘*nationes*’ eram, cada vez mais, percebidas como não mais do que subgrupos do grande ‘*populus christianus*’, o povo cristão [...]”. Ou seja, apesar da diversidade cultural e social na Península e na Europa medieval, os herdeiros do cristianismo passam a compartilhar a defesa de uma mesma fé, a qual toma grande destaque para as campanhas cruzadistas ao oriente e que causa grande impacto para o processo de Reconquista no ocidente.

Com a conquista muçulmana, essa suposta unidade acaba fragmentada, e diferenças culturais, econômicas, sociais e, principalmente, religiosas começam a ganhar destaque. Entretanto, conforme Piñero Valverde (1997), o termo *Hispania* ainda fazia referência a toda a Península, dando um sentido de unidade para um território ocupado tanto por cristãos, judeus ou muçulmanos e que era diferente do significado de *al-Andalus*: termo utilizado apenas para o mundo ibérico sob influência do islã, o que inicialmente era quase todo o território peninsular. No decorrer do processo de dominação muçulmana, apenas uma pequena parcela ao norte da Península consegue sobreviver às investidas, a partir de onde, nas Astúrias, se organiza a resistência no primeiro dos reinos cristãos (PIÑERO VALVERDE, 1997), o qual promoveria as graduais “reconquistas dentro da Reconquista” na busca da suposta unidade e passado glorioso romano e visigótico perdido para a expansão do islamismo, visto que “Los cristianos de la parte noroccidental de la Península afirmaban, en la misma época, ser los herederos de los reyes visigodos, lo que les otorgaba un poder simbólico sobre el conjunto de España” (RUCQUOI, 2012, p. 48).

Portanto, os significados de Reconquista, fronteira e Espanha são fundamentais para a análise da Península Ibérica medieval. A compreensão desses três conceitos em conjunto influencia diretamente a forma como entendemos a origem do poder real nos reinos cristãos, e é a partir desta base de análise que nos próximos capítulos nos debruçamos a estudar um reinado em específico, o de Afonso X, o Sábio, a partir das maneiras utilizadas pelo rei para se legitimar no poder e alcançar uma centralização política e a unidade territorial.

2.2 - O poder real na Península Ibérica medieval e o reinado de Afonso X

Com o decorrer da Reconquista, Emílio Mitre Fernández (2017) mostra como o papa Pío II¹⁸ falava da Península, referindo-se a ela como a Espanha dos cinco reinos: Castela,

¹⁸ Nascido com o nome Enea Silvio Piccolomini, Pío II foi papa entre 1458 até sua morte, em 1464.

Aragão, Portugal, Navarra e Granada. Percebe-se aqui que os quatro primeiros eram cristãos, enquanto o último estava sob domínio do islã. Contudo, todos os reis compartilhavam um território comum: a Espanha. Neste processo, embora os reinos cristãos tenham se desenvolvido e garantido características próprias, eles não procuravam uma total independência entre si: “El objetivo final fue, para cada monarca, el realizar la unión de la Península, pero que esa unión se hiciera bajo su corona y su bandera” (RUCQUOI, 2012, p. 51).

Retomando o conceito de Reconquista, Martín Federico Ríos Saloma (2005) relata que o primeiro uso do termo como referência à luta contra os muçulmanos na Península foi em 1795, na obra de José Ortiz y Sanz intitulada “Compendio cronológico de la historia de España”. Contudo, para o medievo e pelo menos até a metade do século XIX, o autor menciona que o termo mais recorrente era o de “restauração”¹⁹, o que dava a entender que o importante era promover o restabelecimento da monarquia espanhola com sua liberdade e independência: a Reconquista, portanto, era compreendida como um processo de restauração, pois “[...] la lucha contra los moros no era una lucha de tipo religioso, al menos en principio, sino una lucha por recuperar la libertad y la soberanía sobre el territorio” (RÍOS SALOMA, 2005, p. 386). Isto é importante para analisarmos a legitimação das monarquias espanholas e do poder real não só frente à disputa por hegemonia religiosa com o islã, mas também enquanto “restauradoras” do reino visigodo e da unidade peninsular idealizada que supostamente foi perdida com as investidas estrangeiras.

Conforme Rucquoi (2014), houve uma grande continuidade entre Roma e os godos²⁰, pois, no decorrer de seu processo migratório e de conquista, além de terem comercializado e realizado trocas culturais entre eles e de posteriormente se converterem ao catolicismo, estes também viveram durante um longo período muito próximos de Constantinopla, o que influenciou fortemente os ideais políticos que aplicaram em seus domínios na Península Ibérica. No Oriente, Justiniano elaborou o *Corpus Juris Civilis*, um código jurídico de grande

¹⁹ Segundo o autor, o termo começou a perder espaço a partir de meados do século XIX quando há o desenvolvimento dos Estados nacionais na Europa e dos conceitos como “pátria”, “nação” e “Estado-nação”. Assim, “[...] la lucha contra los musulmanes se convirtieron, una vez más, en los elementos sobre los que se sustentó la creación de la moderna identidad colectiva española. Por encima de sus diferencias locales o regionales, todas las provincias españolas fueron incorporadas bajo una sola nación y fueron dotadas de un pasado común que las diferenciaba de las otras naciones europeas y cuyo aspecto más significativo había sido la lucha por **reconquistar la patria** de los invasores musulmanes” (RÍOS SALOMA, 2005, p. 403, grifo nosso)

²⁰ Os godos foram um dos inúmeros grupos germânicos que migraram pelo continente europeu. Ao entrarem em contato com o Império Romano, se dividiram em duas ramificações principais: os Visigodos e os Ostrogodos. Os primeiros se estabeleceram na Península Ibérica ainda no início do século V, permanecendo por quase 300 anos na região e se tornando importantes para o desenvolvimento dos futuros reinos cristãos ocidentais; já os segundos são referenciados como godos do Oriente, por terem se estabelecido em regiões da Península Balcânica e posteriormente por terem governado a Itália a partir do rei Teodorico, entre os anos de 493 e 553.

importância que resgatou e recompilou o direito romano de uma forma que o imperador passou a administrar tanto o sistema político quanto o religioso, de modo que seu poder advinha de uma suposta origem divina. Com isso, do contato com o Império Romano, os reis visigodos “[...] dieron la primacía al derecho y reivindicaron su papel de ‘pontífices’ de la religión oficial [...]”. Al igual que los emperadores romanos, [os visigodos] tienen el lugar de Dios en el reino y deben de mantener el pueblo en la paz, la justicia y la verdadera fe” (RUCQUOI, 2014, p. 16). São essas as características que vão sobreviver à dominação muçulmana e que será recuperada como herança pelos reinos cristãos a partir do objetivo de restaurar a unidade peninsular com a Reconquista: foi carregando essa mesma ideologia e simbolismo que o passado romano e visigótico representa que, no século XIII, Afonso X pôde “[...] afirmar tranquilamente que él es el vicario de Dios en su reino, que no reconoce superior, y que es la fuente de la ley” (RUCQUOI, 2014, p. 19). Neste sentido, também podemos compreender a Reconquista a partir de outro ponto de vista: segundo Piñero Valverde (1997), surgia na Península o ideal de lutaram como soldados de Cristo, em que, assim como nos movimentos cruzadistas ao oriente, os reis peninsulares assumiram o papel de defensores da fé, porém como representantes diretos de Deus no combate aos “infiéis”²¹ e na proteção do reino e do povo a partir do exercício de seus direitos supostamente divinos.

Antes de prosseguirmos, é preciso compreendermos que todas estas características, apesar de influenciarem na busca pela unidade peninsular, não transformam o território ibérico em um Estado em meio ao medievo. O que analisamos sobre este período, a partir da forma como se dava o poder real nos reinos cristãos peninsulares, são os sinais “[...] que estão relacionados com as origens dos Estados, e não com a sua forma definitiva” (STRAYER, 1986, p. 11). Já comentamos brevemente os casos francês e inglês, mas, embora essas regiões tenham no passado estabelecido um poder real precocemente centralizado ainda na Idade Média, a partir, por exemplo, de cerimônias de consagração na coroação, este não serviu como modelo único a ser seguido pelo restante da Europa medieval, pois o discurso transmitido à Península a partir da suposta herança visigótica e da cristandade como salvadoras da grande *Hispania* aos muçulmanos, possibilitou uma identidade em comum, onde a questão, a partir de então, seria como inserir esse ideal em um molde para a união peninsular, o que estimulou definições próprias sobre o significado do poder real no território.

²¹ Cabe ressaltar que o termo aqui é utilizado a partir da concepção da cristandade medieval, onde o infiel era o indivíduo que não seguia o dogma cristão, nesse caso, em particular, o muçulmano.

Em Roma, Adeline Rucquoi (2012) explica também como era entendida a noção de *imperium*: era preciso reconhecer a supremacia do poder do imperador divinizado e acatar o culto oficial, mas ao mesmo tempo não se proibia outros cultos e não se exigia uma uniformização linguística, fiscal ou social dentro do território. Com a chegada dos visigodos e a influência e sobrevivência do legado romano em seus domínios, o significado do poder real na Península Ibérica passou a carregar essas características, fazendo surgir um império cristão na Espanha medieval:

Apoyados en esta construcción ideológica, los reyes hispanos consideraron durante toda la Edad Media que la naturaleza de su poder era de índole imperial. Lo ejercieron, por lo tanto, como un poder supremo sobre los hombres y el territorio que Dios les había entregado - la Península -, poder que les venía directamente de Dios y que no admitía superior en la tierra (RUCQUOI, 2012, p. 55).

Em suas mais variadas obras em que analisa o poder real na antiga Espanha medieval, Rucquoi ressalta que ele é diferente dos de outras monarquias medievais como a da França e da Inglaterra: os reinos ibéricos equiparavam o poder do rei com o poder imperial e o pontifical na mesma grandeza, em que, por ser considerado natural, de ordem divina e que não reconhece força superior, não necessita de um ritual de consagração que o legitime na pessoa do rei: a coroa, o cetro, o trono ou a espada permitem que o soberano seja reconhecido e possa manifestar seu poder, porém, não possuem um papel constituinte da realeza hispânica e não são vistos como centros de origem do poder (RUCQUOI, 2012).

Analisando o reino de Castela, José Manuel Nieto Soria (1986) ressalta que não havendo a necessidade da consagração régia com rituais e elementos simbólicos como em outras monarquias, e não tendo o reconhecimento de força externa superior por parte dos reis, houve a falsa sensação de que o poder real não estava também carregado de concepções religiosas. Porém, “No es que la monarquía se diluya en lo religioso, sino que el pensamiento religioso hace más comprensible el modelo político que se quiere imponer en un contexto en que el lenguaje político es metafísico, jurídico o teológico, pero no aún propiamente político” (NIETO SORIA, 1986, p. 714-715). Para o rei castelhano, portanto, seu poder era legitimado a partir de sua aclamação e reconhecimento pelo povo, e não pela eleição de sua imagem; se dava através de cerimônias e rituais como o de se armar cavaleiro sem intervenção alheia e de se realizar a prática de beijar as mãos do rei: a monarquia castelhana se diferenciava da inglesa e da francesa ao não necessitar do apoio de símbolos religiosos para legitimar o poder real (RUCQUOI, 1993)²². Metaforicamente falando, a relação entre o poder real ibérico medieval e

²² Entretanto, apesar de não ter sido necessário como para os reis da Inglaterra ou da França, a autora também ressalta que isso não significa que não se tenham forjado bases teológicas para justificar o poder real na Espanha

a religião cristã fazia com que o político ainda pudesse conter algo de sagrado, enquanto que o religioso ainda podia ser politizado (NIETO SORIA, 1986).

Tomando como legado a concepção romana e visigótica de *imperium*, os reinos cristãos ibéricos medievais assumiram o poder real como sendo de origem divina, no qual o rei representa Deus na Terra. Respeitar o poder do rei, portanto, nada mais é do que respeitar o poder de Deus, e todo e qualquer indivíduo que menospreze ou vá contra o exercício do direito real está também indo contra a ordem e o direito divino. Resgatando novamente o termo “soldados de Cristo” como referência ao combate entre cristãos e muçulmanos durante a Reconquista, Piñero Valverde (1997) menciona uma particularidade do período que serve para reforçar esse ideal de *imperium* almejado pelos governantes peninsulares: com influência de guerreiros de outras regiões da Europa medieval, como franceses e italianos²³, Guilherme de Poitiers, duque da Aquitânia, organizou a Cruzada de Barbastro em 1064 para defender o ameaçado reino de Aragão e, assim, “[...] desde 1095 os reinos hispânicos requeriam para a Reconquista os mesmos privilégios espirituais concedidos pelo Papa Urbano II aos cruzados que iam a Jerusalém” (PIÑERO VALVERDE, 1997, p. 160). Ou seja, os ideais podiam ser parecidos e com o mesmo objetivo de defesa pela fé, mas o *imperium* hispânico encontrava nos reis peninsulares os defensores também da “pátria”, em que eles assumiram uma alta posição guerreira como nobres e cavaleiros que os transformavam em cruzados permanentes em seu próprio território, fazendo-os assumir posições de defesa e proteção da cristandade sem a influência de um poder externo como o imperial ou o papal: como cruzados permanentes, “[...] ni los reyes ni sus súbditos necesitaban por otra parte de la intervención del clero para ganar el cielo, mientras que la Iglesia sí necesitaba del rey y de los españoles para recobrar su territorio” (RUCQUOI, 1992, p. 69).

Partindo dessas colocações, podemos agora analisar mais a fundo o reinado de Afonso X. O monarca é comumente referenciado como rei de Leão e Castela entre 1252 e 1284, porém Mateus Sokolowski (2016, p. 74) ressalta que ele passou a ser “[...] responsável por uma confederação de reinos” formada por Castela, Toledo, Leão, Galícia, Sevilha, Córdoba, Murcia,

medieval, pois não podemos “[...] confundir el ritual, o sea los ‘gestos’ externos y puestas en escena más o menos teatrales, y el concepto teológico del que procede, que lo sustenta, lo alimenta y lo justifica” (RUCQUOI, 1993, p. 2).

²³ É importante destacar que, embora apresentassem culturas distintas, idiomas diferentes ou concepções políticas diversificadas, todos estavam inseridos em uma grande identidade comum: a sociedade cristã a qual precisava ser defendida. Pela concepção religiosa, portanto, podemos trazer as palavras de Patrick Geary (2013, p. 29), as quais ressaltam que “O que interessava fundamentalmente para a elite europeia era a sua unidade, não a sua diversidade”. Por outro lado, Strayer (1986, p. 28) também reforça esses argumentos ao afirmar que “A Europa Ocidental formava talvez uma unidade religiosa, mas não era claramente uma unidade política”.

Jaén e Badajoz, sendo que o desafio, portanto, era o de organizá-los em uma unidade em que Afonso X passasse a figurar como um imperador dentro de seu reino. Isso fica evidente também em uma das suas obras mais conhecidas e aqui utilizada como nossa fonte de análise, ou seja, as Cantigas de Santa Maria. Assim se auto-descreve o monarca na *Intitulatio* da obra:

*Don Affonso de Castela,
de Toledo, de Leon
Rey e ben des Conpostela
ta o reyno d'Aragon,
De Cordova, de Jahen,
de Sevilla outrossi
e de Murça, u gran ben
lle fez Deus, com' aprendi,
Do Algarve, que gãou
de mouros e nossa ffe
meteu y, e ar pobrou
Badallouz, que reyno é
Muit' antigu', e que tolleu
a mouros Nevl' e Xerez,
Beger, Medina prendeu
e Alcala d'outra vez,
E que dos Romanos Rey
é per dereit' e Sennor, [...]*²⁴ (CSM A, 1-18)²⁵

É importante ressaltarmos o trecho em que Afonso X se denomina rei e senhor dos romanos por direito: esta passagem faz referência ao período que ficou conhecido como *El Fecho Del Império*, em que o monarca ambicionava conseguir o título de imperador do Sacro Império Romano Germânico. Além de ser filho de Beatriz da Suábia, neto de Filipe, Duque da Suábia e Rei da Germânia e dos Romanos, Sokolowski (2016) ainda lembra que ele era bisneto do imperador germânico Frederico Barba Ruiva, ou seja, a noção de *imperium* no reinado afonsino não só estava dentro como também fora de seus domínios peninsulares, pois o rei

²⁴ Tradução em espanhol: “Don Alfonso, rey de Castilla, / de Toledo, de León / y también desde Compostela / hasta el reino de Aragón; / de Córdoba, de Jaén, / asimismo de Sevilla / y de Murcia, donde mucho bien / le hizo Dios, por lo que supe; / del Algarve, que ganó / a los musulmanes para inculcar nuestra fe; / y que también pobló Badajoz / que reino es / muy antiguo, y que arrebató / a los musulmanes / Niebla y Jerez, / Vejer (de la Frontera), Medina (Sidonia) conquistó / y Alcalá (de los Gazules) en otra ocasión, / y que de los Romanos Rey / y señor es por derecho, [...]” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 7).

²⁵ Além dos 427 poemas, as Cantigas de Santa Maria também são compostas por uma introdução constituída por uma intitulação e um prólogo, os quais Walter Mettmann (1959-1972), aqui utilizado como referência, identificou como A e B, respectivamente.

acreditava que essa posição também o legitimaria dentro de seu próprio reino na Espanha. Mas essa pretensão, como destaca Cybele Crossetti de Almeida (2001/2002), é um dos fatores que leva tanto os nobres quanto as cidades manifestarem sua insatisfação com as atitudes do rei por conta do aumento dos impostos devido à sua política centralizadora.

Dialogando com a obra de Adeline Rucquoi (1995), Paula de Souza Valle Justen (2017) reforça que a ideia de *imperium* não era desconhecida na Espanha medieval e que na verdade Afonso X só voltaria a renová-la em seu reinado, visto que Afonso VI e Afonso VII também já tinham se utilizado do título de imperador anteriormente. A diferença, contudo, é que diferentemente dos reis anteriores que expandiram esse “império” com a anexação de territórios que estavam sob domínio muçulmano, no reinado de Afonso X houve uma grande desaceleração deste processo, o que aumentou a fragmentação peninsular entre os reinos cristãos a partir dos quais cada monarca defendia sua própria autonomia (RUCQUOI, 1995; JUSTEN, 2017). Para além disso, Almeida (2001/2002) reforça que Afonso X nunca chegou a obter de fato a coroa do Sacro Império, mas tentou manter sua política centralizadora sempre de forma que sua visão de unidade ibérica remetesse ao ideal de um império espanhol. Porém, apesar da Reconquista como ideal político-militar, da herança romana e visigótica como suposta influência para a união peninsular e da concepção de poder real na Península Ibérica medieval em que os reis representavam e reproduziam a vontade e a justiça de Deus na Terra, isso ficava apenas no campo ideológico e, apesar de algumas semelhanças entre eles, não fazia dos reinos cristãos um grande bloco uniforme de monarquias que compartilhavam das mesmas leis, idioma ou comportamentos em sociedade. Cabia a Afonso X, se utilizar de sua posição e sua pretensão centralizadora para implementar ferramentas que garantissem o seu governo e sua concepção de justiça como modelos a serem seguidos em todo seu domínio peninsular. Dialogando com as colocações anteriores referente aos sinais propostos por Joseph Strayer (1986) que estão relacionados com as origens dos Estados, Justen (2017, p. 67) reforça que é por conta disso que seu reinado é considerado como “[...] aquele que lançou as bases para a formação do Estado de Castela [...]”, fato ocorrido a partir do casamento de Isabel de Castela e Fernando de Aragão em 1479: não em seu tempo, mas duzentos anos depois, o *imperium* afonsino deixava suas marcas na Europa.

Não é à toa que o monarca recebeu a alcunha de “O Sábio”: no *scriptorium* afonsino foram desenvolvidas inúmeras obras que permitiram a Afonso X não só propagar seu ideal político como também reforçar sua posição como vigário de Deus e de escolhido e protegido por Ele. Além das Cantigas de Santa Maria, conjunto de poemas à Santa Maria os quais

analisaremos mais profundamente nos próximos tópicos, Afonso X também foi responsável por elaborar diversas outras obras de caráter histórico, científico e jurídico, além de instituir o castelhano como língua oficial, fundar Universidades e promover a tradução de diversas obras em árabe que dizem respeito à astronomia, matemática, botânica, medicina e filosofia, o que possibilitou o contato entre as diferentes culturas e religiões dentro do reino, integralizando o projeto de unificação e centralização política de Afonso X (ALMEIDA, 2001/2002).

Entre as obras afonsinas de maior destaque estão o *Fuero Real* e as *Siete Partidas*²⁶: duas das maiores obras jurídicas medievais, sendo que a última obteve influência política e força legal até o século XIX (JUSTEN, 2017). Sobre essa reforma legislativa pretendida pelo monarca, Sokolowski (2016) aponta que Afonso X elaborou o *Fuero Real* com o objetivo de substituir as cartas municipais, diminuindo as autonomias locais para dar ao rei o poder judicial nas principais cidades do reino, enquanto que as *Siete Partidas* visavam ordenar a sociedade a partir de normas de conduta a serem seguidas e respeitadas conforme a hierarquia social, levando-se em conta, principalmente, as diferenças religiosas. Segundo Almeida (2001/2002), nas duas obras a justiça é apresentada como um atributo divino, sendo ela aplicada pelo representante de Deus na Terra, ou seja, o próprio Afonso X. Nesse sentido, a autora explica que o objetivo afonsino não era o de usurpar o direito, mas implementá-lo de fato, pois “[...] ninguém fora o rei, que tinha o mandado divino para isso, podia legislar” (ALMEIDA, 2001/2002, p. 19).

Um aspecto interessante sobre o uso do direito para a centralização do poder é a busca afonsina pelo Bem Comum, da qual o rei se utilizava para justificar suas ações políticas e jurídicas, em que tal objetivo só poderia ser alcançado a partir da aplicação da justiça de forma que não se favoreça interesses individuais, mas sim a uniformidade do reino. Isto afetou diretamente a relação de Afonso X com a nobreza durante todo seu reinado, visto que muitos dos nobres não concordavam com tamanho controle e intervenção do monarca e que, como seus conselheiros, desejavam um aumento de poder pessoal com a obtenção de senhorios e conseguir cargos que lhes garantisse um controle territorial (SENKO; SOKOLOWSKI, 2016), o que de certa forma poderia lhes proporcionar autonomia em relação à política afonsina. Justamente a partir disso que a cobiça, a inimizade ou a deslealdade ganharam força e não contribuíram para o Bem Comum, pois “Os nobres não compreenderam as exigências reais de eles pagarem com

²⁶ Paula Justen (2017) reforça que Afonso X foi importantíssimo por idealizar as *Siete Partidas*, mas ressalta que o monarca não conseguiu colocá-las em vigência principalmente devido à instabilidade política com a nobreza que já vinha insatisfeita com a perda de autonomia. Sua obra somente foi promulgada no século XIV, sob reinado de Afonso XI.

tributos os usos de suas terras e ajudarem na conquista imperial de Afonso X” (SENKO; SOKOLOWSKI, 2016, [p. 7]).

Sendo assim, cabia ao rei, portanto, encontrar estratégias que pudessem legitimar sua política centralizadora, e estas se encontravam na valorização das virtudes e normas de conduta impostas por ele nas suas mais diversas obras. Nas *Siete Partidas*, por exemplo, Senko e Sokolowski (2016) comentam que o rei insistia aos nobres que fossem leais conselheiros e que garantissem a amizade e o amor entre eles e ao rei. Para além disso, como representante da vontade e justiça divina, Sokolowski (2016, p. 145-146) ressalta a importância das Cantigas de Santa Maria como obra promotora de um ideal de unidade da cristandade que traduzia suas expectativas imperiais, pois “O rei via na literatura uma forma de incutir e fazer sentir em sua nobreza uma série de valores cristãos”. Porém, como foi possível ao monarca se utilizar de uma obra acima de tudo poética e voltada à Virgem Maria para atingir fins políticos? De que forma o conjunto de composições poderia ajudar o discurso do rei não só em relação à nobreza, mas também para uma suposta união sócio-cultural de cristãos, judeus e muçulmanos subordinados à sua única administração? Estas são algumas das perguntas que analisaremos no decorrer deste trabalho, pois

Num período em que as cantigas figuravam como o meio de divulgação que possivelmente teve a mais ampla difusão, era apropriado que fossem utilizadas não só como entretenimento, mas como uma importante ferramenta na mediação de conflitos entre a nobreza e o reino, atuando em conjunto com a legislação, integrando-se ao projeto de construção de uma identidade unificadora centrada na figura do Rei [...] (SOKOLOWSKI, 2016, p. 138).

3 - ENTRE DISCURSOS E IMAGINÁRIOS: O CARÁTER PROPAGANDÍSTICO DAS CANTIGAS DE SANTA MARIA

Em primeiro lugar, é preciso identificarmos o papel da Corte afonsina para o reinado do rei Sábio. Para Paulo Roberto Sodré (2010), Afonso X entendia o ambiente da Corte como um local onde suas alegrias eram compartilhadas em meio às suas discussões políticas. Além disso, Mateus Sokolowski (2015) ressalta que ela possuía um papel de destaque enquanto configuradora de uma norma ética de comportamento e que era neste local que o rei se relacionava com a nobreza. Nesse sentido, a Corte enquanto local onde se discutia as reformas legislativas pretendidas pelo monarca supostamente também podia ser o palco onde o rei manifestava sua devoção à Virgem, a partir das Cantigas de Santa Maria. Através do discurso colocado pelas composições, portanto, Afonso X indiretamente poderia ter se beneficiado das cantigas enquanto ferramenta na mediação de conflitos entre ele e a nobreza, em um ambiente “[...] onde pairava uma atmosfera de descontentamento e revolta em virtude de sua política centralizadora” (SOKOLOWSKI, 2015, p. 119-120).

Com isso em vista, é necessário também compreender como, onde e por quem não só as Cantigas de Santa Maria, mas também as outras obras afonsinas, sejam elas legislativas, historiográficas ou científicas, circularam e foram produzidas. Sobre o *scriptorium* real, Laura Fernández Fernández (2020) destaca seu caráter itinerante, porém ressalta as cidades de Toledo e Sevilha como dois dos grandes centros de onde partiram grande parte das inúmeras obras produzidas no reinado afonsino. Além disso, Thalles Braga Rezende Lins da Silva (2017) ressalta que além de um lugar, o *scriptorium* foi também “[...] um coletivo, uma equipe que o rei mantinha em torno de si”. Nesse coletivo, Diana Sofia Ferreira Carvalho da Silva (2020) destaca a presença de colecionadores de milagres, tradutores, arquivistas, compositores de textos, músicas e narrativas visuais, entre muitas outras pessoas e funções. Por fim, Aline Dias da Silveira (2009, p. 40) também salienta que a Corte afonsina ficou conhecida pela “[...] reunião, convivência e colaboração de intelectuais de diferentes lugares e credos”. Ou seja, tendo isso em vista, podemos afirmar que as Cantigas de Santa Maria foram realmente produzidas por Afonso X? Diana Silva (2020) argumenta que o papel do rei era o equivalente aos coordenadores ou editores atuais de obras de caráter coletivo, a partir do qual ele organizava a produção do texto e encarregava as pessoas para sua elaboração. Thalles Silva (2017) vai ainda mais longe ao esclarecer que a elaboração das Cantigas de Santa Maria consistiu na coleta e compilação de diversas narrativas sobre os milagres marianos, em que traduções eram muitas vezes necessárias, mas que eram sempre produzidas a partir de uma autoridade, neste caso

manifestada por Afonso X, o qual, através de sua supervisão, garantia o direito de autoria da obra.

Ademais, é importante abordar a origem das composições presentes nas Cantigas de Santa Maria. Mesmo Afonso X sendo o grande mentor por trás da compilação das cantigas, seus milagres foram adquiridos de diferentes fontes, sendo que muitos deles já haviam aparecido anteriormente em outros cancioneiros marianos: segundo Alex Rogério Silva (2016), os principais deles são *Los miragros de Nuestra Señora*, de Gonçalo de Berceo, e *Les miracles de Nostre Dame*, de Gautier de Coincy²⁷. Somado ao fato da obra ser uma compilação de diferentes fontes orais e escritas, o autor ressalta que ela também apresenta experiências testemunhadas e supostamente vividas pelo rei. Ou seja, é preciso considerar as Cantigas de Santa Maria a partir das vastas origens de suas composições para compreender como Afonso X poderia se utilizar de seus versos para atingir seus objetivos políticos. Contudo, Diana Silva (2020) aborda o fato de que apesar de ter a influência das cantigas de Berceo e de Coincy, Afonso X teve sua originalidade ao inseri-las em sua obra, readaptando a forma como estas eram transmitidas de maneira que melhor atendesse sua própria visão de mundo e sua devoção mariana.

Através dessa “autoria compartilhada” das composições, portanto, a propagação dos ideais afonsinos ganhavam destaque a partir da sua originalidade discursiva, que interpretava e transmitia os milagres marianos de modo que sua visão de mundo saísse privilegiada. Para compreender como o rei poderia se utilizar de sua obra para fins políticos, nos próximos tópicos tratamos não só de abordar mais detalhadamente nossa fonte, as Cantigas de Santa Maria, como também de analisar o suposto caráter propagandístico de suas composições e de discutir a contribuição da Análise Crítica do Discurso para entender como o discurso afonsino poderia ter sido compreendido pelo público a partir dos milagres marianos.

3.1 - As Cantigas de Santa Maria

As Cantigas de Santa Maria (CSM) constituem apenas uma dentre as inúmeras obras produzidas no reinado de Afonso X e que lhe conferiram a alcunha de O Sábio. Ao lado de obras legislativas, científicas e historiográficas elaboradas por ele e a mando dele em seu

²⁷ Segundo Mercedes Brea (2000), na obra de Gonçalo de Berceo estão contidos 25 milagres marianos, enquanto na de Gautier de Coincy estão presentes 75. Diana Sofia Ferreira Carvalho da Silva (2020), por sua vez, identifica que nas Cantigas de Santa Maria de Afonso X estão presentes 18 dos 25 relatos de Berceo e 48 dos 75 de Coincy, além do fato que as três obras possuem 15 milagres em comum.

scriptorium régio, as Cantigas ocuparam um importante espaço em seu governo como uma rica contribuição literária e poética que, além de fornecer um vasto aporte cultural e fortemente religioso - por narrar supostos milagres realizados pela Virgem Maria -, é também uma importante ferramenta política para o exercício do poder real na então Castela medieval.

Em suma, a obra apresenta um conjunto de 427 canções produzidas durante o reinado de Afonso X. Acima de tudo, são composições de caráter religioso voltadas para o culto de Santa Maria: a cada 9 delas em que observamos milagres realizados pela Virgem, há uma em que se exalta o louvor sobre sua santidade. É uma obra característica do medievo inserida na tradição do trovadorismo em galego-português e que serviu para espalhar o culto mariano em um cenário de Reconquista do território ibérico²⁸. Além disso, como se verá adiante, a obra também possibilitou diferentes formas de recepção, visto que seus poemas são não só escritos, como também musicados e ilustrados. Portanto, a partir da escrita dos poemas, da representação dos milagres pelas iluminuras e pela oralidade e musicalidade dos cancioneiros, percebe-se a obra como uma rica fonte para se analisar a realidade sócio-política-cultural da Península Ibérica medieval, visto que, devido a possibilidade de alcançar a população iletrada pela música e pela imagem, colaborou com a pretensão afonsina de unidade territorial e centralização política. Para melhor compreensão, embora não seja universal em toda a obra, as figuras a seguir ajudam a exemplificar como som, letra e imagem podem ser encontrados nos manuscritos:

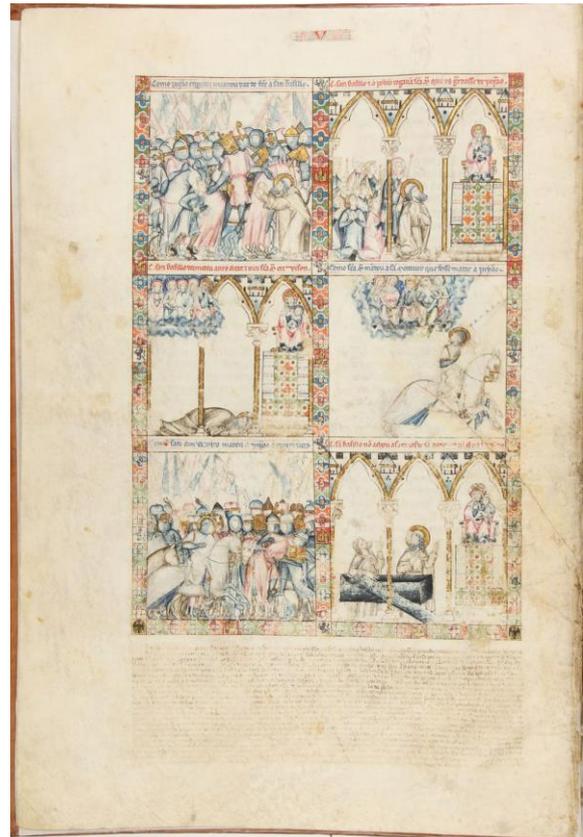
²⁸ Entretanto, é importante ressaltarmos que, embora haja o interesse afonsino de ambientar os milagres na elaboração das Cantigas de Santa Maria no cenário da Península Ibérica, eles não se limitam somente a este espaço, pois há inúmeros milagres relatados que também se passam na Inglaterra, em Bizâncio ou em outros territórios, o que insere sua obra em um contexto maior dentro da tradição europeia do culto mariano.

Figura 1 – Texto e notações musicais da CSM 15 no Códice Rico



Fonte: ALFONSO X, fólio 010r, Ms. T-I-1 (Códice Rico).

Figura 2 – Iluminaras presentes na narrativa da CSM 15 no Códice Rico



Fonte: ALFONSO X, fólio 011v, Ms. T-I-1 (Códice Rico).

Ao todo, existem quatro códices manuscritos: o Códice de Toledo (To), o Códice Rico (T), o Códice de Florença (F) e o Códice dos Músicos (E)²⁹. O primeiro deles se encontra na Biblioteca Nacional da Espanha³⁰ e é o mais antigo, contendo 100 cantigas. O Rico, localizado na Real Biblioteca do Mosteiro El Escorial³¹, e o de Florença, que se encontra na Biblioteca Nacional Central de Florença³², foram produzidos já no fim do reinado de Afonso X, entre 1280 e 1284, e, além das cantigas já existentes, apresentam um novo conjunto de 300 composições

²⁹ Para informações mais detalhadas sobre cada um dos códices das Cantigas de Santa Maria, ver, dentre outros, a descrição colocada por Yuri Leonardo Rosa Stelmach (2022) e o trabalho de Laura Fernández Fernández (2012/2013).

³⁰ O Códice de Toledo encontra-se digitalizado no site da *Biblioteca Nacional de Españã*, o qual pode ser acessado pelo seguinte endereço: <http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000018650>.

³¹ O Códice Rico e o Códice dos Músicos também estão disponíveis de forma virtual, a partir da disponibilização da *Real Biblioteca del Monasterio de El Escorial*. O primeiro deles encontra-se a partir do link: <https://rbdigital.realbiblioteca.es/s/rbme/item/11337#?c=&m=&s=&cv=26&xywh=-2464%2C-1%2C7918%2C4456>. Já o segundo, através do seguinte endereço eletrônico: <https://rbdigital.realbiblioteca.es/s/rbme/item/11338#?c=&m=&s=&cv=728&xywh=-3119%2C-1%2C9980%2C5616>.

³² Em 2020, a partir de um site patrocinado pela *Biblioteca Nazionale Centrale de Florença*, o Códice de Florença também já se encontra disponível através do endereço: <https://archive.org/details/b.-r.-20/page/n13/mode/2up>.

acompanhadas de notações musicais e iluminuras. Por conta disto, alguns autores como Gonzalo Menéndez Pidal³³ (1962) levantam a hipótese que estes últimos foram elaborados como dois volumes de uma mesma obra, a qual apresentaria um total de 400 composições. Por fim, o Códice dos Músicos, também localizado na Real Biblioteca do Mosteiro El Escorial, é o único a possuir as 400 cantigas em uma única obra, sendo elaborado paralelamente aos dois últimos.

Para essa pesquisa, propomos analisar as composições a partir da identificação de um caráter propagandístico que possa ser inserido na política afonsina de centralização de poder, pelo qual se buscará reconhecer as evidências textuais - pelo alcance visual das Cantigas a partir de sua escrita - e sonoras - através do alcance que as composições obtiveram enquanto canções rimadas. Embora se possa realizar uma análise também para a representação imagética de Afonso X e de suas pretensões políticas a partir das iluminuras presentes nos poemas, este não foi um dos objetivos a serem atingidos, pois a complexidade do estudo, a interdisciplinaridade presente e o tempo necessário para sua realização demandaria outras condições de trabalho, o que não exclui pesquisas futuras sobre o tema em particular³⁴.

As obras utilizadas como referência para a análise das cantigas são, primeiramente, as edições de Walter Mettmann (1959-1972), as quais se constituem de três volumes com as composições e um quarto volume com um glossário, e a tradução ao castelhano das cantigas por Elvira Fidalgo Francisco (2022), que servirá de comparação ao galego-português original e que possibilitará uma melhor compreensão de leitura. Por fim, serão indicadas as numerações de cada cantiga analisada conforme as edições de Mettmann e a tradução de Fidalgo Francisco, as quais tomam como base os registros contidos no Códice dos Músicos (E). As numerações referentes aos demais Códices serão indicadas em nota, caso necessário, a partir das informações disponibilizadas pelo The Oxford Cantigas de Santa Maria Database: banco de dados sobre as CSM criado em 2005 e que foi utilizado como ferramenta de pesquisa temática para os eixos de nossa análise³⁵.

³³ É interessante observar como o autor se refere a esses dois Códices: segundo Pidal (1962), ambos podem ser compreendidos pela nomenclatura “Códice de las Historias” por apresentarem “miniaturas historiadas”, ou seja, pelo fato de tanto o Códice Rico quanto o de Florença serem constituídos de um grande aparato iconográfico, o qual também narra os milagres de forma particular.

³⁴ Já existem algumas publicações que tratam de analisar especificamente algumas particularidades das iluminuras presentes nas Cantigas de Santa Maria. Ver, por exemplo, os trabalhos anteriormente já mencionados de Hugo Rodrigues Miranda (2022) e de Yuri Leonardo Rosa Stelmach (2022), os quais, respectivamente, estudam as representações imagéticas sobre os muçulmanos e os judeus na obra afonsina.

³⁵ A partir deste banco de dados procuramos selecionar algumas cantigas que possibilitam uma análise conjunta dos três eixos temáticos propostos pela pesquisa, conforme serão expostas nos próximos tópicos. O site pode ser acessado pelo seguinte endereço eletrônico: <https://csm.mml.ox.ac.uk/>.

3.2 - A propaganda política nas canções marianas

A partir disto, voltando o olhar para Castela e especificamente para o reinado de Afonso X, é interessante analisarmos como o monarca se utilizou das Cantigas para atingir seu objetivo de centralização política. Apesar de apresentar uma linguagem poética e religiosa, as Cantigas também reproduzem a visão de mundo do rei, em que os relatos dos milagres marianos tendem a refletir uma propaganda de sua própria imagem como rei justo e da religião cristã como superior através da fé em Maria.

Para além disso, é importante lembrar que pelo *scriptorium* afonsino muitas obras foram elaboradas, sejam elas historiográficas, legislativas, científicas ou poéticas. Nesse sentido, levando-se em conta a diversidade de produções, nota-se a importância que Afonso X dava ao conhecimento e à cultura em seu reinado, e, assim como nas Cantigas de Santa Maria, sua imagem enquanto rei e suas crenças e valores também eram propagados em leis, crônicas ou normas de conduta estabelecidas por ele. Segundo Adeline Rucquoi (1995), entre as obras que o Rei Sábio elaborou, o *Fuero Real*, o *Espéculo* e as *Siete Partidas* reestruturaram o corpo legislativo do reino e, a partir deles, podemos refletir sobre a imagem que é propagada de Afonso X e suas pretensões políticas. A autora argumenta que estes textos

[...] são ao mesmo tempo tratados doutrinários do direito e a aplicação prática deste, com o fim de “ordenar” o conjunto da sociedade seguindo uma hierarquia estrita e especificando os direitos e os deveres de cada um, do rei ao último dos súbditos - cristãos, judeus ou muçulmanos -, incluindo a igreja e os seus membros. A “repartição” das casas e das terras conquistadas na Andaluzia e em Múrcia, a instauração, nestes territórios, de uma população organizada e pronta a defendê-los, a criação de centros urbanos nas regiões eminentemente rurais como as Astúrias, o reconhecimento das oligarquias urbanas de *caballeros*-comerciantes ou de *caballeros*-criadores de gado, que davam ao rei a ajuda militar e financeira das cidades, correspondem ao espírito, senão sempre à letra, destes textos. O abandono, pela chancelaria real, desde os anos 1230, do latim em proveito do castelhano, língua que Afonso X escolheu para a totalidade da sua obra, e a da redacção de crônicas ‘universais’ destinadas a substituir a história do reino na vasta perspectiva da história humana desde a Criação - crônicas redigidas em castelhano a partir de meados do século - contribuíram por seu lado para promover um “sentimento nacional” que assentava na missão, no dever de os Castelhanos “restaurarem” a Espanha visigótica (RUCQUOI, 1995, p. 179, grifos da autora).

Assim sendo, pode-se dizer que a visão de mundo afonsina é difundida em diversas de suas obras, as quais acabam por assumir uma característica propagandística que visa a legitimação do seu poder. Dessa forma, as obras do *scriptorium* afonsino desempenham um papel fundamental na construção de uma imagem pública favorável ao monarca, fortalecendo sua posição de liderança e reforçando a ideia de que seu reinado é abençoado por Deus, através de suas reproduções como rei justo e capaz de governar com sabedoria e devoção. Por fim, cabe lembrar que enquanto representante de um reino cristão, Afonso precisava de uma estratégia

capaz de inserir as três grandes religiões presentes na Península Ibérica medieval sob sua administração direta. Sendo assim, não só as Cantigas de Santa Maria como também suas mais variadas produções também proporcionaram a Afonso X condensar o conhecimento das diferentes culturas e religiões inseridas em seus domínios.

Para buscar este caráter propagandístico durante a análise das Cantigas, utilizamos como base teórica algumas das obras de Marina Kleine (2001/2002, 2005, 2013) e também questionamentos de diversos outros autores sobre o tema, em especial os de Mateus Sokolowski (2015, 2016) e Aline Dias da Silveira (2009)³⁶. Em um dos seus trabalhos, Kleine coloca as seguintes questões: “é legítimo falar em propaganda antes do século XV? Pode-se ir ainda mais longe e questionar: é legítimo falar em propaganda antes da invenção dos modernos meios de comunicação de massa?” (KLEINE, 2005, p. 21). A partir dessas perguntas, a autora se propõe a entender qual o significado do conceito de propaganda para a Idade Média e se, de fato, é possível identificarmos seu uso durante o período em questão.

Além de Marina Kleine, autores como Philippe Contamine e Claude Gauvard também já procuraram entender como a propaganda poderia “circular” na Idade Média. Contamine (1994) analisou as possíveis propagandas de guerra relacionadas às Cruzadas e à Guerra dos Cem Anos com o propósito de compreender os discursos sobre esses conflitos como meio de conseguir o apoio da população e de garantir o êxito de alguns objetivos políticos particulares; por sua vez, Gauvard (2008) analisa como a circulação de notícias por diferentes meios, como cartas e canções, pode ter influenciado na formação da opinião pública na Idade Média antes mesmo do surgimento da imprensa, argumentando que os discursos realizados via comunicação oral ou escrita passavam a ser propagados de forma muito mais rápida e em uma maior escala de recepção devido a diversos fatores como a ampliação da rede urbana, o surgimento das ordens mendicantes ou o fortalecimento do poder monárquico. Ou seja, embora com análises diferentes, Kleine, Gauvard e Contamine contribuem para um maior entendimento do conceito de propaganda para a Idade Média, porém Gauvard (2008) ressalta que é necessário cuidado com o uso da palavra para não haver uma interpretação equivocada de que todos os textos medievais destinados ao público são objetos de uma propaganda constante e difusa.

³⁶ Sokolowski apresenta um possível caráter propagandístico das Cantigas em relação à imagem que é passada sobre os cavaleiros e a nobreza, a qual supostamente poderia ter proporcionado a Afonso X estabelecer uma norma de conduta a ser seguida com base na devoção à Maria, com o objetivo de amenizar os conflitos existentes entre ele e sua Corte. Silveira, por sua vez, explora a relação entre cristãos e muçulmanos existente na obra, com o intuito de entender como foi possível ao rei integrar os não-cristãos ao reino através da disseminação de ideais políticos e sociais.

Em suas obras, Marina Kleine busca analisar como Afonso X pôde carregar e propagar seu discurso a partir das características de suas produções para discutir como e se foi possível difundir essas obras para a sociedade. Especificamente sobre as Cantigas de Santa Maria, a autora reforça a influência da musicalidade e da oralidade para a difusão da obra e alcance de um público³⁷, enfatizando o caráter propagandístico das composições em se utilizar da lírica em galego-português para se atingir um “horizonte de expectativas do gênero” (MENEGETTI, 1984, apud KLEINE, 2005, p. 63). Para Joseph O’Callaghan (1998, p. 5-6, tradução nossa),

As Cantigas nos informam, por exemplo, sobre a ascendência do rei, suas atitudes em relação aos mouros, a natureza dos conflitos entre cristãos e mouros, a projectada cruzada em Marrocos, a invasão marroquina da Espanha e as tentativas de se repovoar Cádiz e EI Porto de Santa Maria; mas, acima de tudo, elas revelam os sentimentos do rei sobre os movimentos de traição entre sua própria nobreza, suas doenças freqüentes, e seu medo do fogo do inferno e da condenação eterna. A Virgem Maria aparece sempre como sua advogada, protetora e consoladora. Pela suas ações maravilhosas, o rei acreditava que triunfaria sobre seus inimigos e as adversidades que o assediavam dentro e fora de seus reinos³⁸.

Com isso em vista, portanto, verifica-se que há a busca por Afonso X em colocar-se como o rei sábio, justo e cristão, a partir da representação de sua imagem em um processo de “marianização” do amor cortês (MENÉNDEZ PELÁEZ, 1980). Percebe-se, acima de tudo, que o caráter propagandístico da obra afonsina está diretamente vinculado ao objetivo de legitimar a imagem do rei a partir da afirmação de algumas características como o de rei protetor, representante de Deus, soberano e justiceiro.

Em suas variadas obras, José Manuel Nieto Soria (1986, 1989, 1997), aborda a relação entre a monarquia e a religião católica da Península Ibérica medieval, realizando uma divisão entre imagens teológicas e imagens jurídicas das representações dos reis, o que, vinculado aos seus estudos sobre as formas de propaganda na Península Ibérica durante a Baixa Idade Média, também possibilita a análise das Cantigas de Santa Maria a partir de um sentido plural da suposta característica propagandística de sua composição através das imagens reproduzidas

³⁷ Leonardo Fontes reforça este ponto ao comentar que “[...] a obra medieval, até o século XIV, só existe plenamente sustentada pela voz, atualizada pelo canto, pela recitação ou pela leitura em voz alta. Em um certo sentido, o sinal escrito é pouco mais que auxílio e apoio para a memória, ganhando vida apenas quando vocalizado [...]” (FONTES, 2009, p. 316).

³⁸ Citação original: “The Cantigas inform us, for example, about the king’s parentage, contemporary attitudes toward the Moors, the nature of warfare; between Christians and Moors, the projected crusade into Morocco, the Moroccan invasion of Spain, and attempts to repopulate Cádiz and EI Puerto de Santa Maria; but above all they reveal the king feelings about treachery among his own nobility, his frequent illnesses, and his fear of hellfire and eternal damnation. The Virgin Mary appears throughout as his advocate, protector, and consoler. Through her wondrous actions the king believed that he would triumph over his enemies and the adversities that beset him both within and without his realms”.

sobre Afonso X. O autor comenta que era comum desde a Alta Idade Média aos reinos cristãos fazerem alusões ao Reino de Deus, em que “La referencia a Dios como rey es tan sólo el punto de arranque de una imagen religioso-política más amplia en la que se hace ver el Reino de Dios como modelo a alcanzar por los reinos humanos, siempre reflejos de aquél” (NIETO SORIA, 1986, p. 726). Neste sentido, partindo para a análise do governo de Afonso X, é possível compreendermos os significados de sua imagem a partir de algumas classificações trazidas pelo autor como a de *Rex Vicarius Dei*, *Rex christianissimus*, *Rex virtuosissimus*, *Rex Miles Dei* e *Rex inspiratus Dei*. Como vigário de Deus, Afonso X reproduz sua imagem como representante de uma vontade divina, a partir da qual é Ele que o elege fazendo com que o rei governe em Seu nome aplicando a justiça e a ordem no reino. Este poder real, portanto, é antes de tudo reflexo da vontade divina e, nesse sentido, ir contra a vontade de Afonso X seria o mesmo que ir contra a justiça de Deus. Do mesmo modo, como rei cristão, em razão de governar e servir aos propósitos de Deus, o monarca assume um posicionamento de enaltecer a cristandade, a partir da qual suas imagens como rei virtuoso, rei guerreiro e inspirado por Ele também saem fortalecidas por reproduzirem-no como Seu soldado contra os infiéis, em que sua proteção e inspiração advém Dele a partir das virtudes reproduzidas pelo rei em Seu nome.

Nas Cantigas de Santa Maria, essas características se manifestam a partir da Virgem, pois a fé cristã é enaltificada sobre as demais, as virtudes afonsinas são manifestadas em normas de conduta e na aplicação da justiça, e a imagem do rei como governante justo e da Santa como a grande divindade protetora pode indicar que atender à ordem afonsina implica atender à ordem de Maria, e que ir contra ela significa ir contra a justiça divina. Tendo isso em vista, Nieto Soria (1986) enfatiza que, possuindo o propósito de fortalecer o poder real e não conseguindo atingir este objetivo a partir somente de conceitos políticos, os reis ibéricos também tendiam a encontrar na simbologia religiosa um meio de comunicação e propaganda fundamental para legitimar as diferentes imagens reproduzidas sobre os monarcas e seus reinos.

Marina Kleine (2001/2002, 2005, 2013) identifica algumas dessas supostas características propagandísticas em algumas cantigas e explica que a composição afonsina oferece diversos argumentos que tentam ressaltar uma origem divina do poder real na qual o rei assume uma posição de representante de Deus na terra. Eis abaixo alguns exemplos:

*Ca a mi de bõa gente
fez vïr dereitamente*

*e quis que mui chãamente
reinass' e que fosse rei*³⁹ (CSM 200, 09-12).

*E ainda te rogo | Virgen, bõa Sennr,
que rogues a teu Fillo | [...]
pois Rey me fez, queira | que reyn' a seu sabor,
e de mi e dos reynos | seja el guardador,
que me deu e dar pode | quando ll' en prazer for;
[...] pois que teu Fillo Rey
me fez, que del me gães | siso, que mester ey,
con que me guardar possa | do que me non guardei [...]*⁴⁰ (CSM 401, 42-43, 46-48, 84-86)⁴¹.

*Reis e emperadores,
todos comũalmente
a todo seu ciente
deven de bõa mente
dar-lle grandes loores,
ca per ela sennores
son de toda a gente,
e cada ãu sente
dela compridamente
mercedes e amores;*⁴² (CSM 409, 36-45)⁴³.

Marina Kleine (2001/2002), reforça, através destes trechos, que a proteção divina concedida a Afonso X e os milagres realizados em seu favor nas Cantigas estão diretamente relacionados à crença na origem divina do rei e da realeza. Com base nisso, a autora dialoga com Nieto Soria ao identificar o caráter propagandístico da obra afonsina nessa condição implícita de uma suposta origem divina do rei e de seu poder real: “[...] la monarquía [e nesse

³⁹ Tradução em espanhol: “Porque me hizo provenir / directamente de buena gente / y quiso que, reinase y fuese rey claramente”. (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 282).

⁴⁰ Tradução em espanhol: “Y todavía te ruego, Buena Señora, / que ruegues a tu hijo [...] ya que él me hizo rey, que permita que reine a su gusto, / y que él sea protector mío y de los reinos / que él me dio y que puede darme siempre que le agrada, [...] puesto que tu hijo me hizo / rey, que de él me obtengas sabiduría, pues la necesito / para protegerme de lo que no me protegí, [...]” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 571).

⁴¹ Esta cantiga também está identificada como sendo a Petição após os cem primeiros cantares do Códice de Toledo (To). Elvira Fidalgo (2022) ressalta que esta composição era originalmente a de número cem, porém, com sua utilização para fechar a coleção de quatrocentas cantigas, alguns dos versos originais tiveram que ser adaptados e modificados.

⁴² Tradução em espanhol: “Reyes y emperadores, / todos conjuntamente / y con todo su saber / deben voluntariamente / darle grandes alabanzas, porque gracias a ella son los señores / de toda su gente, / y cada uno recibe / de ella abundantemente / dádivas y afecto” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 581).

⁴³ Cantiga nº 86 pelo Códice de Florença.

caso, Afonso X] trató de sacar todas las consecuencias posibles de tal circunstancia en favor de sus pretensiones políticas” (NIETO SORIA, 1997, p. 67).

Contudo, é necessário compreender uma distinção entre teoria e prática: o suposto caráter propagandístico das Cantigas se encontra no campo do imaginário, no objetivo pretendido de se propagar um determinado ideal para um público em específico, porém, para que isso seja possível, o imaginado necessita ser reproduzido, e este se faz a partir da prática discursiva. Nas Cantigas de Santa Maria, mesmo que Afonso X supostamente tenha pretendido legitimar seu poder e sua imagem se utilizando dos milagres marianos, ele não conseguiria atingir tal feito sem manifestar essa sua vontade: é através de discursos separados em versos, melodias e iluminuras que o rei consegue imprimir sua auto-propaganda entre os quatro códices de sua composição. Elaine Cristina Senko e Mateus Sokolowski (2016, [p. 11-12]) também argumentam sobre o papel do rei como vigário do rei e colocam um questionamento: “[...] o que Deus, por meio do rei, seu representante na Terra, desejava em relação à sociedade cristã?” Os autores respondem como sendo organização, ordem e unidade do reino a partir de termos religiosos e políticos, mas a reflexão que nos cabe a partir disto é: como foi possível ao rei propagar seus ideais de forma a legitimar seu poder e atender uma suposta vontade divina? A solução, portanto, é a de analisarmos no próximo tópico o discurso afonsino e como ele possuiu um poder de influência sobre o caráter propagandístico da obra, visto que “[...] Dom Afonso pretendeu discursar através do seu trovadorismo mariano, conjugando em sua obra lírica: pecado e redenção, letra e voz, diversidade e unidade, poesia e discurso, temporalidade e eternidade” (FONTES, 2009, p. 317).

3.3 - A legitimação do poder real afonsino a partir da Análise Crítica do Discurso

Primeiramente, é preciso definirmos a seguinte questão: toda propaganda é idealizada e produzida através de uma manifestação discursiva, mas nem todo discurso assume um caráter propagandístico. A propaganda possui o objetivo de persuadir ou influenciar um público a assumir uma opinião ou comportamento sobre algo ou algum tema, enquanto o discurso se enquadra em uma definição mais ampla e se manifesta em um diálogo, um informe, um poema, uma música ou uma imagem sem necessariamente ter o objetivo de persuadir.

Contudo, como se analisa um discurso? Não é nosso propósito discorrer sobre as diferentes vertentes teóricas sobre o tema⁴⁴, mas cabe evidenciarmos o dispositivo teórico-

⁴⁴ Conforme Gleny Terezinha Duro Guimarães e Marlúbia Corrêa de Paula (2022), alguns nomes importantes e que merecem destaque são os de Michel Pêcheux, Charaudeau, Maingueneau, Fairclough e van Dijk, além de

metodológico de análise aqui utilizado como referência. Teun Adrianus van Dijk é um linguista que em seus estudos procura compreender o discurso a partir de sua relação com a cognição humana e a sociedade, com o objetivo de identificar os abusos de poder e as desigualdades advindas dele. Por conta disso, em suas variadas obras, o autor apresenta a Análise Crítica do Discurso (ACD), um guia de estudo que procura fornecer diferentes alternativas para se pensar o discurso. Pela ACD, Dijk afirma que ele é composto por estruturas textuais e contextuais: não podemos analisar o discurso somente a partir do conteúdo em si, mas também através do contexto social, cultural e histórico em que é produzido e recebido, sendo fundamental para a identificação das relações de poder e das ideologias impostas em cada mensagem (DIJK, 2015a).

Para além disso, de acordo com Dijk (2000), o discurso pode ser estudado e compreendido a partir da linguagem, da comunicação de crenças e da interação nas relações sociais, a partir das quais a ACD possibilita a multidisciplinaridade do estudo⁴⁵. Porém, é correto nos utilizarmos da Análise Crítica do Discurso também para múltiplos períodos históricos? É possível utilizarmos deste dispositivo teórico-metodológico para analisarmos o discurso medieval? São perguntas um tanto inquietantes se considerarmos as enormes diferenças existentes entre os discursos presente no medievo e os discursos modernos: nas visões de mundo medieval e, neste caso, na de Afonso X e de grande parte da sociedade cristã do século XIII que pretendemos analisar, as crenças e valores moldavam discursos baseados em uma ordem divina, com grande influência de uma ideologia religiosa, enquanto que atualmente a ciência e a tecnologia são as grandes portadoras de uma suposta verdade universal. Contudo, de forma semelhante, a ACD nos proporciona uma análise através do que Umberto Eco (1989) chamou de estética do conteúdo para se referir à recepção da arte medieval como meio de comunicação de valores e crenças, e neste sentido as Cantigas de Santa Maria também se encaixam perfeitamente a partir de suas mais variadas expressões discursivas.

Tendo isso em vista, podemos dialogar com Michel Foucault (2008), o qual explica em suas obras que a prática discursiva não se limita por si só através do uso da fala, dos detalhes de uma imagem ou das regras gramaticais presentes em um texto; ela é, na verdade, composta por “[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no

autores que contribuíram pela perspectiva teórica, como Gramsci, Bakhtin, Lacan, Foucault, Bourdieu, entre outros. Para uma melhor compreensão dessas e outras teorias sobre os Estudos do Discurso, ver o trabalho de Luciano Amaral Oliveira (2013).

⁴⁵ Tendo-se em vista seu caráter multidisciplinar, muitas discussões surgiram sobre o papel da História na Análise do Discurso e sobre como a área ajudou na compreensão do discurso enquanto produtor de sentido relacionado à historicidade. Para um melhor entendimento sobre o tema, ver, dentre outros, os trabalhos de Rossana Dutra Tasso (2004) e de Giselda Brito Silva (2009).

espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p. 133). Para além disso, dialogando com o autor, Rafael Costa Prata (2020) argumenta que o discurso é construído a partir do contexto histórico no qual está inserido, sendo através dele que imaginários⁴⁶ e práticas sociais são reproduzidos. Nesse sentido, se manifestam as ideologias, as quais passam a ser socialmente compartilhadas de forma que, ao serem reproduzidas, aparecem por meio de um discurso ideológico.

Dijk (2015b) ressalta que ideologia e discurso não são sinônimos, visto que “As ideologias podem ser *expressas* pelo discurso, *mas não são o mesmo que o discurso*” (DIJK, 2015b, p. s57, grifos do autor). Sendo assim, ao serem reproduzidas pela prática discursiva,

[...] as ideologias devem representar a própria “definição” de um grupo, de tal modo que os membros do grupo possam *identificar-se* como membros do grupo, em primeiro lugar. Desse modo, as ideologias tipicamente representam *quem* somos, *o que* fazemos, *por que* o fazemos, *como* (deveríamos ou não deveríamos) fazê-lo, e *para que* o fazemos, ou seja, nossa **identidade, ações, objetivos, normas e valores, recursos e interesses** sociais. Nesse sentido, as ideologias são o **autoesquema de um grupo** coletivo, basicamente mental, que consiste de informação organizada por essas categorias esquemáticas (DIJK, 2015b, p. s54, grifos do autor).

Rossana Dutra Tasso (2004), dialogando com esses diversos autores, propôs que para a Análise do Discurso a história não é mais cronológica ou evolutiva, mas sim memória discursiva, pois “[...] pensar em história é referir-se ao trabalho da ideologia sobre as práticas dos sujeitos” (TASSO, 2004, [p. 01]). Ou seja, pensar em história significa considerar como as práticas discursivas são influenciadas e moldadas pelas ideologias presentes na sociedade. A partir disso a história se torna construção social, produzida por sujeitos que são influenciados por suas memórias coletivas e pelas concepções ideológicas presentes no contexto social ao qual estão inseridos. Nesse sentido, podemos voltar o olhar novamente para nossa fonte e nos perguntarmos: é possível pensarmos em ideologias impostas no discurso presente nas Cantigas de Santa Maria? Retomando a discussão do tópico anterior sobre o caráter propagandístico da obra, como podemos observá-la a partir dos sentidos produzidos por seu discurso?

Maria Dolores Bollo-Panadero (2008a, p. 163, tradução nossa) comenta que as Cantigas devem ser entendidas como um “[...] instrumento ideológico de codificação cultural que reafirma a ordem social cristã [...]”⁴⁷, visto que Afonso X conseguiu se utilizar de um discurso poético para definir a relação entre a sociedade cristã e as minorias religiosas. Para além disso,

⁴⁶ Ver nota nº 7.

⁴⁷ Citação original: “[...] ideological instrument of cultural codification that reaffirms the established Christian social order [...]”.

a autora também ressalta que a literatura por si só já é uma ferramenta de construção ideológica, seja através de sua difusão escrita ou oral (BOLLO-PANADERO, 2008b). Ou seja, considerando que a obra possuía diferentes possibilidades de transmissão do discurso entre texto, som e imagem, pensar sua composição relacionando-a à concepção van Dijkiana de texto e contexto, significa observarmos suas características sócio-históricas compreendendo não só como, a partir do quê, mas também para quem e por quem o discurso foi feito. Nesse sentido, as Cantigas de Santa Maria reafirmam a ordem social cristã tanto por se inserir em uma visão de mundo em que avanços e retrocessos políticos e econômicos estão intrinsecamente relacionados com a religião, como por ser elaborada em um reino cristão e por um rei que se utilizava de sua representação como vigário de Deus para atingir o objetivo de centralizar seu poder e incluir a todos sob sua única administração. Pela ideologia monárquica, os interesses do rei são também os de Deus, e vice-versa, e discursar sobre a conduta ou a ética guerreira, a fé em Maria ou a posição dos não-cristãos na sociedade gera uma escolha, um modelo a ser seguido e normalizado pelos receptores do discurso sobre os interesses e posicionamentos do rei.

Segundo Guimarães e Paula (2022, p. 173-174), “a ideologia faz com que as pessoas defendam ideias que vão na direção oposta aos seus próprios ideais”. Contudo, é preciso relativizarmos tal afirmação e considerarmos que isso não ocorre naturalmente, visto que a ideologia é também provocativa e que ela pode ou não se destacar a partir das suas diferentes formas de recepção dentro de um discurso. No nosso exemplo, tal “provocação” ocorre ao ganhar força por conta da obra afonsina ter sido elaborada para cristãos, pois o projeto político do rei é embasado por um profundo ideal religioso. Assim sendo, o discurso das cantigas tende a ser normalizado por estes receptores pelo fato de já compartilhar crenças sociais que são comuns ao pensamento afonsino no que diz respeito à religiosidade do reino, cabendo ao rei se utilizar disso indiretamente para atingir seus objetivos políticos. Porém, cabe lembrarmos um aspecto importante: judeus e muçulmanos também estavam inseridos neste grande público que recepcionava suas obras. É a partir dos não-cristãos, portanto, que de normalizado o discurso de Afonso X tende também a ser um modelo a ser seguido, pois com seu pensamento ideológico imposto em seu discurso, a organização política do reino e a religião cristã possibilitam a esses grupos assimilá-las como correta e superior, levando judeus e muçulmanos a supostamente defender alguns ideais que nem sempre faziam parte de suas tradições culturais ou religiosas.

A partir dessas percepções, é interessante pensarmos na imagem que a obra afonsina reproduz sobre o Outro, ou seja, aqueles que não estão inseridos dentro da visão de mundo

cristã e que supostamente deveriam ser influenciados pelo discurso afonsino. Segundo Bollo-Panadero (2008b, p. 16), mais do que pelo exército ou pelas leis, “[...] la literatura contribuirá al nacimiento y formación de actitudes negativas hacia el judío y el moro en el imaginario popular de la Baja Edad Media”. A autora ainda ressalta que as Cantigas são projetadas para cristãos enquanto comunidade que deve prevalecer unida, extinguindo-se as diferenças para com o Outro: “Assim, o Outro é retratado apenas de maneira positiva se for adequado para conversão, tornando-se, então, o Mesmo”⁴⁸ (BOLLO-PANADERO, 2008a, p. 169, tradução nossa). Nesse sentido, exaltar a imagem de Santa Maria como protetora da cristandade, destacando as qualidades e virtudes consideradas adequadas pela concepção afonsina e cristã, pode ter influenciado em uma percepção do que seria positivo ou negativo dentro dessa sociedade, onde o erro é identificado com o Outro de forma que este passe a se adequar e se inserir no modelo vigente, através do olhar atento de Maria. Contudo, esta não é uma regra universal a ser seguida nas Cantigas: os discursos presentes nas composições levam tanto o Outro a se adequar à ordem estabelecida, quanto os cristãos a serem “corrigidos” devido à uma má conduta ou por seus “erros” serem os de não seguirem corretamente a norma imposta pelo rei⁴⁹.

Dito isso, para nos utilizarmos da ACD nas Cantigas de Santa Maria, primeiro é preciso compreendermos algumas características presentes na prática discursiva. Em suas variadas obras, Dijk (2000, 2015a, 2015b) ressalta a importância da cognição social no processo discursivo, pois ela é vista como a capacidade humana de percepção e assimilação de situações sociais. É a partir dessa cognição que as pessoas constroem seus modelos mentais particulares sobre as formas que interpretam o mundo e é através dela que cada indivíduo percebe a realidade e toma suas próprias decisões. Contudo, para além dos modelos mentais particulares, existem as crenças socialmente compartilhadas que influenciam na percepção de cada um sobre a realidade, e é isto que Dijk também vai classificar como ideologia: para o autor, ideologia seria uma forma de cognição social, visto que “[...] é uma estrutura complexa que controla a formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social, tais como o

⁴⁸ Citação original: “Thus, the Other is only portrayed in a positive light if it is suitable for conversion, becoming, then, the Same”.

⁴⁹ Exemplos disso podemos encontrar no que Afonso X pensava sobre a nobreza e os cavaleiros, visto que determinados valores e comportamentos eram privilegiados em relação a outros, em que os “erros”, nestes casos, eram identificados a partir do não cumprimento da conduta que o rei almejava. Sobre isso, dentre outros, ver o trabalho de Elaine Cristina Senko em parceria com Mateus Sokolowski (2016), a partir do qual os autores discutem a legitimação da prática do poder afonsino e trazem uma análise das Cantigas em comparação com as obras legislativas de Afonso X, com o objetivo de evidenciar que o monarca procurou educar a nobreza através do ensinamento de algumas virtudes para evitar as revoltas com ela e posicionar-se como um rei justo.

conhecimento, as opiniões e as posturas, e de representações sociais” (DIJK, 2015a, p. 48). Para além disso, segundo Guimarães e Paula (2022), ninguém nasce com uma ideologia, pois ela é sócio-historicamente construída pelas relações sociais, e é a partir dessas relações que ela é assimilada e reproduzida nos grupos aos quais determinado indivíduo se sente pertencente. É nesse sentido que crenças socialmente compartilhadas são reproduzidas, e isso se dá através da prática discursiva, pois, resgatando as primeiras considerações deste tópico, todo discurso é também ideológico: “[...] as ideologias são sistemas de crenças compartilhadas por grupos com a finalidade de promover seus interesses e orientar suas práticas sociais e políticas” (DIJK, 2015b, p. 54).

A partir disso, podemos refletir sobre alguns dos outros termos vinculados à ACD van Dijkiana: acesso ao discurso, elite simbólica, manipulação, endogrupo X exogrupo e abuso de poder. Para Dijk, o acesso ao discurso é desigual, ou seja, ele é controlado e disseminado apenas por aqueles grupos com um significativo poder de influência sobre a sociedade, os quais ele classifica como elites simbólicas⁵⁰:

Esses grupos possuem relativa liberdade e, por sua vez, relativo poder para tomar decisões sobre gêneros de discurso dentro do seu domínio de poder e determinar tópicos, estilo ou forma de apresentação de um discurso [...] eles são os fabricantes do conhecimento, dos padrões morais, das crenças, das atitudes, das normas, das ideologias e dos valores públicos (DIJK, 2015a, p. 45).

Com isso em vista, o autor ressalta que essas elites simbólicas que produzem o discurso e possuem esse acesso a ele têm a tendência de influenciar as estruturas do texto e da fala, de forma que “[...] o conhecimento, as atitudes, as normas, os valores e as ideologias dos receptores sejam mais ou menos indiretamente afetados tendo em vista o interesse do grupo dominante.” (DIJK, 2015a, p.88-89). Nesse sentido, o discurso possibilita a distinção entre endogrupo e exogrupo: o primeiro deles, o “nós”, é aquele que detém o acesso ao discurso e que influencia as estruturas do texto e da fala de forma que elas exaltem as qualidades do seu próprio grupo, enquanto o “eles”, identificado como o exogrupo, é aquele que faz referência aos sujeitos que não estão inseridos no mesmo núcleo de pertença do primeiro, ou seja, são os Outros, aqueles os quais são estereotipados pela prática discursiva. Para o autor, por fim, a prática discursiva

⁵⁰ Reinhard Koselleck, historiador alemão tido como uma das principais referências para a história dos conceitos, também já havia anteriormente abordado o tema das elites no poder. Ele ressalta que a linguagem e suas formas de expressão, ou seja, os discursos, são fundamentais para refletir as mudanças sociais e políticas, e que essas elites têm um papel importante na criação e disseminação de novas formas de linguagem e expressão, pois, enquanto estão no poder, elas tendem a moldar a narrativa histórica de uma sociedade de acordo com seus interesses políticos e ideológicos. Sobre isso, entre suas diversas obras, destaco a edição de 2006 em português do trabalho intitulado “Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos”, publicado originalmente em 1979.

evidencia um abuso de poder por parte das elites simbólicas, pois, devido às suas posições enquanto grupos dominantes, elas possuem o controle da informação e o que é reproduzido no discurso considerando texto e contexto, o que gera um processo de manipulação dos modelos mentais referentes a determinados assuntos:

A manipulação envolve não apenas poder, mas especificamente abuso de poder, ou seja, dominação. Mais especificamente, a manipulação implica o exercício de uma forma de influência deslegitimada por meio do discurso: os manipuladores fazem os outros acreditarem ou fazerem coisas que são os interesses do manipulador, e contra os interesses dos manipulados (DIJK, 2015a, p. 234).

Para uma melhor compreensão, podemos pensar nas Cantigas de Santa Maria, no reinado de Afonso X e no contexto medieval a partir destas características. Longe de ser critério universal, mas considerando o meio onde a obra afonsina foi elaborada, pode-se supor a Igreja Católica como a grande elite simbólica que, a partir da doutrina religiosa, assumia uma posição de poder por influenciar a sociedade cristã medieval, gerando uma manipulação do senso comum referente ao Outro. Da mesma forma, influenciada por esse aspecto religioso e por ser responsável por disseminar a cultura e as normas de conduta, a nobreza também acabava assumindo esta posição. Contudo, neste caso, é importante ressaltar que não podemos generalizar a nobreza no reinado de Afonso X como um grupo único com valores e crenças universais, pois assim como havia aqueles que eram leais ao projeto político do rei, existiam também parcelas significativas que contrariavam seu objetivo centralizador e que disseminavam um discurso diferente do monarca. Um exemplo disso encontramos nas revoltas nobiliárias ocorridas em 1272 e que se acentuaram nos anos seguintes devido à insatisfação dos nobres com a nova legislação e com as novas práticas que o rei pretendia implementar no reino.

Muito possivelmente essa insatisfação da nobreza foi uma reação à concepção centralizadora de Afonso X que considerava carregar a vontade de Deus através de sua posição política, detendo o acesso ao discurso necessário para tentar controlar e manipular as crenças e os valores, ou seja, os modelos mentais, seja direta ou indiretamente, mas de forma que sua visão de mundo pudesse ser compreendida como a mais justa e correta que as demais. Porém, cabe ressaltar que, apesar do discurso afonsino ter tido este foco, seu objetivo não foi de fato alcançado devido às consequências advindas dessas revoltas nobiliárias, que culminaram com o monarca destituído de seus poderes e mantendo apenas o título real, enquanto a nobreza, o clero e as ordens militares voltavam-se para Sancho IV, filho de Afonso X e que, mesmo deserdado pelo pai, conseguiu assumir o trono após a morte do rei Sábio (SOKOLOWSKI, 2016).

Ademais, do acesso ao discurso por Afonso X como elite simbólica provinha a manipulação ideológica, a qual, por consequência, gerava um abuso de poder por parte do rei que colocava a sua verdade como modelo a ser seguido através de seu acesso ao discurso, representado pela manifestação artística, pela música, pela poesia ou pelas representações imagéticas, ou seja, todas elas possibilitadas pelo discurso presente nas Cantigas de Santa Maria: a obra afonsina, segundo María Dolores Bollo-Panadero (2008a, p. 164, tradução nossa), “[...] apesar de sua voz individual, pode ser vislumbrada como uma expressão de valores sociais coletivos. Elas [as cantigas], portanto, refletem e afetam simultaneamente a ideologia social predominante de seu tempo”⁵¹.

Após essa breve explicação sobre a Análise Crítica do Discurso e sobre suas possíveis contribuições ao estudo histórico, cabe-nos, neste último tópico, observarmos as particularidades presentes em algumas cantigas para identificarmos como e se foi possível a Afonso X se utilizar de sua posição e seu acesso ao discurso para disseminar e legitimar sua ideologia não só como governante, mas também como líder religioso, vigário de Deus e que atendia à visão de mundo cristã a partir da ideologia advinda da Igreja. Com isso em vista, propomos a análise do discurso presente na obra afonsina a partir de três eixos temáticos: a exaltação da Virgem Maria e do Cristianismo, pela qual se buscará identificar como a representação de Santa Maria como justa e leal pode ter influenciado no processo de inserção das distintas culturas e religiões - judaica, cristã e islâmica - sob o mesmo domínio do Rei Sábio; a conduta guerreira enaltecida e protegida pela fé, a partir de onde se analisará se há a idealização de uma norma de conduta que promova a união entre os combatentes e o fortalecimento da reconquista cristã possibilitada por estes como garantidor da centralização política; e a busca pela união social e política a partir de Afonso X, onde o objetivo será o de verificar se há o reforço da proteção divina como garantidora da paz, da harmonia e da legitimidade do poder real e do soberano enquanto escolhido por Deus.

⁵¹ Citação original: “[...] despite its individual voice, can be envisioned as an expression of collective social values. They, thus, both simultaneously reflect and affect the prevailing social ideology of their time”.

4 - DESVENDANDO O SUBENTENDIDO: OS USOS POLÍTICOS DO DISCURSO AFONSINO E SUAS SUPOSTAS FORMAS DE RECEPÇÃO

Partindo para análise das cantigas, é preciso, antes de tudo, reforçar a compreensão do conjunto da obra dentro do contexto de um “[...] intenso intercâmbio diplomático” (MONTENEGRO; ANDRADE, 2019, p. 5), porque além da variedade religiosa da região, a Península Ibérica também passou por importantes transformações políticas, e estas manifestavam-se não só na prática como também na teoria: o culto mariano presente nos poemas, portanto, é antes de tudo uma forma de discurso, do qual Afonso X pode ter se beneficiado para promover sua legitimação no poder. Além disso, Mateus Sokolowski (2015, p. 118) também reforça que as Cantigas nos “[...] oferecem uma contribuição para o estudo das relações régio-nobiliárquicas, [pois] mais do que um monumento estético/literário eram também uma ferramenta política”, o que nos leva a compreender as narrativas dos milagres marianos para muito além do seu característico sentido religioso.

José D’Assunção Barros (2006) ressalta a importância do trovadorismo para o projeto político afonsino, pois, enquanto movimento poético influenciado pelo amor cortês, pregava a adoração e a devoção amorosa da dama amada, nesse caso representada por Santa Maria. Além disso, o autor comenta que com o decorrer da Reconquista os reis ibéricos desde muito cedo promoveram um controle simbólico da violência social, em que o rei assumia o papel de um “árbitro de conflitos” (BARROS, 2006, p.28). Neste sentido, o trovadorismo nas Cantigas de Santa Maria carrega uma estratégia política não só particular de Afonso X, como também de um contexto social e cristão medieval, pois ele proporciona um discurso que reproduz a Santa como a grande salvadora e como símbolo de justiça e união entre as pessoas: “O amor cortês para com a dama é transferido então para amor à Virgem Maria” (SOKOLOWSKI, 2015, p. 119). Através das Cantigas, portanto, o rei “arbitrava” seu discurso em um território com grande acúmulo de divergências sociais, culturais e religiosas.

Sobre o papel da Virgem Maria na cultura religiosa medieval europeia, Miri Rubin (2009) explora como a devoção à Santa foi se desenvolvendo ao longo da Idade Média e como sua imagem foi sendo representada como símbolo por excelência da vida cristã enquanto intermediária entre Deus e a humanidade. Nesse sentido, pelas Cantigas de Santa Maria Afonso X arbitrava, mas era Maria quem mediava o discurso do rei a partir do lugar que ocupava no imaginário social. Dialogando com a autora, Yuri Stelmach (2022) também ressalta que a Virgem passou a fortalecer a identidade cristã, visto que a devoção à Santa foi capaz de romper fronteiras geográficas e políticas. Ou seja, pelos milagres marianos, Afonso X poderia

transmitir seu discurso de forma que as representações de Maria e suas ações nas narrativas das composições pudessem ser compreendidas tanto dentro quanto fora dos limites de seu reino.

Outro ponto a se destacar é o alcance do discurso afonsino a partir das cantigas. José Carlos Ribeiro Miranda (2012) esclarece que, utilizando-se do trovadorismo e do culto mariano, o Rei Sábio conseguiu alcançar um grande público para as Cantigas a partir da comunicação em galego-português: semelhante ao provençal ou ao toscano, o galego-português tornou-se uma língua comum para os trovadores de Portugal e Castela, pois “A escolha desse idioma [...] superava as barreiras locais e permitia que esses trovadores circulassem entre as cortes régias destes reinos [...]” (SOKOLOWSKI, 2015, p. 112), o que reforçava a intenção propagandística das cantigas a partir do discurso político afonsino. Para além dos desdobramentos políticos, o mesmo autor também ressalta que houve uma consequência cultural: “[...] o romance galego-português desempenhou um papel fundamental na construção de uma identidade poética peninsular que unia um público heterogêneo através da poesia” (SOKOLOWSKI, 2016, p. 145). Contudo, tal afirmação sobre o alcance das Cantigas ainda é um tanto controversa se considerarmos que boa parte da sociedade da época era iletrada. Sobre isso, Leonardo Augusto Silva Fontes (2009) destaca que a obra fornece três possibilidades de recepção - o que abre margem para outras formas de leitura e interpretação: letra, música e imagem. Com isso em vista, “As relações sociais entre autor/rei e leitor-ouvinte/súditos se tornavam mais próximas, assim como eles da Virgem – ou melhor, da imagem da Virgem que eles recriavam ao receptor a enunciação afonsina” (FONTES, 2009, p. 316). Ou seja, devemos levar em consideração a recepção da composição como um todo, e não somente a partir da sua escrita e transmissão oral a partir do galego-português.

Além de diferentes formas de recepção, a obra também proporciona três grandes opções para espalhar o discurso pretendido entre letra, som e imagem. Referente às iluminuras das Cantigas, podemos analisá-las dentro do que Umberto Eco (1989) caracterizou como arte medieval: segundo o autor, antes de promover um desfrute estético, as produções do medievo são dotadas de intelectualismo e objetivismo, visto que “A arte não é expressão, mas construção, operação tendo em vista um resultado” (ECO, 1989, p. 132). Da mesma forma, a musicalidade das cantigas, aliada à poesia, também pode ser interpretada a partir de uma concepção discursiva, pois Afonso X optou por se utilizar de uma forma de poesia estrófica árabe na

elaboração das Cantigas, o *zéjel*⁵², o qual Elvira Fidalgo (2017) acredita que o rei pode ter utilizado por ser muito conhecido nas terras tomadas aos muçulmanos:

El rey pudo pensar que el empleo de formas poético-musicales que resultasen agradables al oído entre el público del sur peninsular podría ser un sólido soporte para la transmisión de milagros que apuntalasen la devoción a la Virgen en esas tierras recientemente cristianizadas⁵³ y donde pervivía todavía un gran número de comunidades musulmanas que convivían con la población cristiana [...] (FIDALGO FRANCISCO, 2017, p. 151).

Através disso, percebe-se as Cantigas de Santa Maria como uma grande manifestação de um discurso, o qual é construído e transmitido entre texto, som e imagem. Embora elaboradas com características próprias e também assimiladas de maneiras distintas e por diferentes públicos, cada uma destas construções carrega antes de tudo uma mensagem codificada entre versos, iluminuras e melodias, seja ela intencional ou não. Afonso X, então, possuía à sua disposição uma rica ferramenta para defender e difundir seus objetivos de forma ideológica, em que as mensagens presentes no discurso da obra reproduzem o que ele considerava correto ou desejável dentro do contexto medieval e de sua ambição para a centralização política na Península Ibérica.

4.1 - Discursos e narrativas: modelos mentais impostos pelas Cantigas de Santa Maria

Conforme dito inicialmente, propomos realizar a análise do discurso afonsino a partir de três eixos temáticos: a menção a Afonso X e seu reinado, a representação dos guerreiros nos poemas e a forma de justiça aplicada por Maria aos não cristãos. Contudo, tendo em vista a complexidade dos temas e sua recorrência entre as composições, torna-se inviável neste trabalho analisar todas as cantigas. Nesse sentido, procuramos selecionar alguns milagres que possibilitam um estudo conjunto dos temas, de modo que estes possam ser identificados e analisados pela perspectiva de uma mesma narrativa ou que possibilitem um diálogo com alguma outra que possua um discurso semelhante e que seja cabível de uma comparação.

⁵² Era uma forma de composição poética hispano-árabe de métrica popular e que era executada por músicos muçulmanos dentro do al-Andalus e também das monarquias cristãs. Em sua forma tradicional, consistia em um estribilho de dois versos aos quais se seguiam três mono-rimas e um quarto verso que rimava com o estribilho. Sendo assim, cada estrofe apresenta três linhas retas monorrítmicas e uma última linha que rima com o refrão. A distribuição da rima se dava da seguinte forma: AA (estribilho), BBB (mudança), A (volta) e repete o estribilho. Resumidamente, as sequências se apresentavam como AA-BBBA, AA-CCCA, AA-DDDA, e assim por diante (MONTENEGRO; ANDRADE, 2019; SOKOLOWSKI, 2016).

⁵³ Para fins de esclarecimento e evitar anacronismos, entende-se nesta passagem que terras recentemente cristianizadas fazem referência ao processo de reconquista territorial e religiosa do espaço peninsular que fora conquistado pelos muçulmanos a partir do século VIII, e não ao primeiro estabelecimento da religião cristã na região, visto que a cristandade já predominava na Península Ibérica antes mesmo da chegada do islã.

Partindo destes critérios, selecionamos as CSM 15, 137, 152, 165 e 233. Por fim, retomando o que foi exposto anteriormente, recomenda-se tanto a consulta de Fidalgo Francisco (2022)⁵⁴ por proporcionar a leitura dos poemas de forma mais acessível em castelhano, quanto o site “Cantigas de Santa Maria for Singers”⁵⁵, o qual apresenta todas as composições em galego-português, além de suas respectivas notações musicais e suas localizações dentro de cada um dos quatro códices disponíveis para visualização.

Inicialmente, iremos analisar a CSM 15⁵⁶, a qual relata a aparição de um cavaleiro celestial que defende a cristandade. Contudo, antes de prosseguir, é importante destacarmos os personagens principais presentes nesta composição: São Basílio e o imperador Juliano. São Basílio, o Grande, foi um bispo e teólogo que viveu no século IV em Cesaréia, na Capadócia, e que deixou um rico legado para os ortodoxos bizantinos (MONTROYA MARTÍNEZ, 1991); Juliano, por sua vez, foi um imperador romano entre os anos de 361 e 363 que recebeu a alcunha de “o Apóstata”, por ter voltado ao politeísmo mesmo depois de ter sido batizado cristão, o que o levou a ser considerado como o último governante politeísta do império por idealizar uma “[...] iglesia pagana paralela a la cristiana y que se distinguiría por la exaltación de los valores de la Antigüedad” (MONTROYA MARTÍNEZ, 1991, p. 263).

Tendo isso em vista, segue-se a descrição resumida da cantiga: é relatado que Juliano estava em guerra contra os persas e que, ao realizar tal campanha, era preciso passar por Cesárea, onde então se encontrava Basílio. Este, por sua vez, ao ver o imperador chegar, lhe saúda dizendo: “«*Aquel que non erra, que Deus é, te sav’, Emperador.*»”⁵⁷ (CSM 15, 29-30). Juliano reage de forma ríspida e ressalta que, voltando da Pérsia, pretende atacar o monastério de São Basílio e destruir a cidade. Após este evento, Basílio teria tido uma visão em que lhe aparece a Virgem Maria dizendo que lhe vingaria sobre o que Juliano teria falado e sobre o que ele pretendia fazer. Nesta visão, a Virgem chama a São Mercúrio que parte em seu cavalo branco e provoca a morte de Juliano. Voltando à realidade, por fim, Basílio obtém a notícia de que Juliano havia sido morto em batalha por um cavaleiro branco exatamente da mesma forma como Santa Maria lhe havia dito.

Partindo para a análise do poema, o primeiro ponto a ser destacado é o possível impacto causado pelo discurso do refrão: “*Todo-los Santos que son no ceo / de servir muito an gran*

⁵⁴ Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/traduccion-al-castellano-de-las-cantigas-de-santa-maria-de-alfonso-x-el-sabio-1138916/>

⁵⁵ Disponível em: <http://cantigasdesantamaria.com/index1.html>

⁵⁶ Cantiga nº 33 pelo Códice de Toledo (To) e nº 5 pelo Códice Rico (T).

⁵⁷ Tradução em espanhol: “«Aquel que nunca yerra, / que es Dios, te salve, Emperador.»” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 29)

sabor / Santa Maria a Virgen, Madre / de Jeso-Cristo, Nostro Sennor”⁵⁸ (CSM 15, 3-4). Este trecho por si só já é interessante porque impõe um modelo mental de que existe um “exército celestial” que combate em nome da Virgem Maria e a favor da cristandade. Ou seja, para um discurso emanado dentro do contexto medieval, enfatizar uma afirmação desta forma pode ter enaltecido a visão de mundo cristã protegida e fortalecida pela fé à Virgem. Dialogando com os estudos de Manuel Pedro Ferreira sobre a musicalidade das cantigas, Sokolowski (2016) ressalta que um dos grandes objetivos dos refrões repetidos é o de fixar a mensagem fundamental na memória dos ouvintes, pois assim “[...] o nome da Virgem é formoso aos bons, enquanto, contra os maus é forte e temeroso” (SOKOLOWSKI, 2016, p. 139). Especificamente para a Península Ibérica e, neste caso, para uma possível influência no discurso de Afonso X, o trecho em questão pode ter contribuído na compreensão da Reconquista enquanto movimento de caráter militar e religioso, pois, a partir do momento que os reis ibéricos buscavam recuperar a unidade peninsular, afirmar que aqueles que cultuam à Santa Maria possuem tamanha proteção divina pelos cavaleiros celestiais em detrimento daqueles que criticam ou ofendem sua imagem ou a de Deus pode ter fortalecido não só o espírito de combate cristão como a insegurança das sociedades islâmicas e judaicas peninsulares. Além disso, o modelo mental imposto pelo discurso do refrão e da cantiga como um todo, ao ser reproduzido, pode acabar sendo assumido como uma verdade absoluta, visto que, “Mesmo que se conserve em silêncio, o ouvinte torna-se cúmplice”(SOKOLOWSKI, 2016, p. 75), pois, conforme Francisco López Estrada (1983), no período medieval não havia uma separação precisa entre a realidade acontecida e a ficção coletiva de uma lenda como é hoje realizada pela crítica histórica moderna: “la versión histórica (de los hechos acontecidos) y la legendaria (de hechos recibidos por la tradición imaginada) podían formar un mismo cuerpo ante la consideración del cronista de la Edad Media [...]” (LÓPEZ ESTRADA, 1983, p. 102).

Um outro aspecto relevante desta cantiga podemos encontrar no que seria o conflito entre o “nós”, identificado como os cristãos de boa fé e protegidos pela Virgem, e o “eles”, ou seja, os Outros, aqueles que possuem suas características negativas exaltadas a partir da ótica cristã, como os muçulmanos, os judeus e, neste caso, Juliano. Van Dijk (2015a, 2015b) identifica esse comportamento através do que ele chama de argumentos do endogrupo e do exogrupo⁵⁹: o primeiro é caracterizado por enfatizar os pontos positivos de quem emana o

⁵⁸ Tradução em espanhol: “Todos los santos que están en el cielo/se complacen en servir/a la Virgen Santa María, madre/ de Jesucristo, Nuestro Señor” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 29)

⁵⁹ A identificação de endogrupos e exogrupos é muito válida para a Análise Crítica do Discurso moderno para identificação de abusos de poder por quem possui acesso ao discurso público. Um grande exemplo de campo de atuação da ACD encontramos na análise das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação de massa,

discurso, com o intuito de privilegiar ou legitimar uma ideologia de quem possui o acesso a ele, enquanto que o segundo refere-se àqueles que recebem o discurso e que possuem seus pontos negativos colocados em destaque. Há, portanto, um objetivo final de caracterizar dois grandes lados opostos: o “nós”, possuidor do acesso ao discurso e propagador de um exemplo a ser seguido, e o “eles”, receptores do discurso e que, através do modelo mental imposto, passam a reconhecer um exemplo a ser evitado. No caso das Cantigas de Santa Maria, o "nós" é representado pelo discurso do rei nas composições, enquanto o "eles" é identificado por todos aqueles que as recebem, seja de forma escrita, sonora ou visual. Contudo, é importante lembrar que a disseminação de ideias e valores por meio do discurso não é limitada por fronteiras religiosas ou culturais. Ou seja, apesar de ter sido elaborada de forma que a cristandade seja a receptora de seu discurso, a obra afonsina poderia ter sido utilizada como uma ferramenta para influenciar outros grupos, além dos cristãos, que poderiam ter sido considerados "eles" em relação ao grupo "nós" representado pelo rei e seus seguidores. Nesse sentido, podemos compreender a obra afonsina a partir da perspectiva do que Umberto Eco em suas mais variadas obras chamou de construir o inimigo:

Ter um inimigo é importante, não apenas para definir a nossa identidade, mas também para arranjar um obstáculo em relação ao qual seja medido o nosso sistema de valores, e para mostrar, no afrontá-lo, o nosso valor. Portanto, quando o inimigo não existe, há que construí-lo (ECO, 2011, p. 12).

Por essa concepção, então, a construção do inimigo na composição mariana surge como uma estratégia comum para criar uma identidade coletiva, em que a opressão ao Outro é justificada pela busca afonsina por uma coesão interna em seu projeto político centralizador. Na cantiga aqui analisada, portanto, esse embate entre o “nós” e o “eles” se apresenta através da exaltação da cristandade com seus pontos positivos sendo evidenciados a partir de detalhes como a proteção celestial a mando da Virgem, e da construção do inimigo a partir do imperador Juliano, representado como falso e traidor:

*Poi-lo sant' om' aquest' ouve feito,
ben ant' o altar adormeceu
da Santa Virgem, lass' e maltre[i]to;
e ela logo ll' apareceu
con gran poder de Santos afeito
que a terra toda sclareceu,*

visto que, ao possuírem o controle das informações, passam a ser formadores de opinião em uma realidade em que o senso comum é controlado, pois “Testemunhas, participantes, protagonistas, entrevistados, ouvintes, espectadores, leitores, a nós restam apenas sentimentos e emoções, porque a opinião é emitida de um lugar outro, o lugar do saber como lugar do poder” (CHAUÍ, 2006, p. 11).

*e dizendo: «Pois que ei congeyto,
vingar-me-ei daquele malfeitor.»*
[...] Pois esto disse, chamar mandava
San Mercurio e disse-ll' assi:
«Juyão falsso, que rezõava
mal a meu Fill' e peyor a mi,
por quanto mal nos ele buscava
dá-mos dereyto del ben aly
du vay ontr' os seus, en que fiava
e sei de nos ambos vingador.»
[...] E mantente sen demorança
San Mercurio log' ir-se leixou
en seu cavalo branqu', e sa lança
muito brandind'; e toste chegou
a Juyão, e deu-lle na pança
que en terra morto o deitou
ontr' os seus todos; e tal vingança
fillou del come bon lidador⁶⁰ (CSM 15, 86-93; 95-102; 104-111)

Além disso, o poema reproduz uma gama de discursos que se sobrepõem uns aos outros: há o discurso da fé, em que a cristandade é normalizada e imposta como justa e modelo a ser seguido; o discurso particular voltado à Santa Maria, em que a Virgem como salvadora e protetora da fé estabelece um modelo mental que associa sua imagem com um poder espiritual que a reforça em comparação às outras religiões - e, neste caso, ao paganismo de Juliano - presentes na Península Ibérica; e o discurso afonsino, exercido de forma indireta, mas que acaba fortalecido a partir da exaltação destas características e do discurso medieval imposto sobre a imagem construída do Outro. No trecho acima, por exemplo, nota-se que Santa Maria surge na visão de Basílio com uma enorme quantidade de santos muito bem iluminados, além do fato que São Mercúrio aparece com seu cavalo branco para fazer vingança não só à Basílio enquanto pessoa, mas como homem santo, cultuador da Virgem e representante da então verdadeira fé que precisava ser vingada e defendida pelo melhor guerreiro. O Outro, por sua vez, Juliano,

⁶⁰ Tradução em espanhol: “Después que hubo hecho esto, el hombre santo / se durmió ante el altar / de la Santa Virgen, cansado y maltrecho; / y ella se le apareció en seguida, / en verdad, con tan gran cantidad de santos / que toda la tierra se iluminó / y dijo: «Puesto que puedo, / me vengaré de aquel malhechor». / [...] En cuanto dijo eso, mandó llamar a / san Mercurio y le dijo así: / «Sobre el falso Juliano, que hablaba muy mal de mi hijo, y de mí aún peor / para hacernos daño, / haznos justicia / allí donde vaya entre los suyos en quienes confía / y sé nuestro vengador». / [...] E inmediatamente, sin esperar a nada más, / san Mercurio partió / en su caballo blanco, blandiendo / su lanza con energía; y enseguida llegó / ante Juliano y le dio en el vientre / [tan fuerte] que a tierra lo tiró muerto / ante todos los suyos; y se vengó de él / como el mejor batallador” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 30).

assume o papel do exogrupo, em que características negativas são acentuadas a partir de sua descrição como falso, traidor ou malfeitor⁶¹.

O discurso da cantiga, então, como um todo, evidencia essas diferenças entre o “nós” e o “eles” e, tendo isso em vista, a ideologia cristã e os modelos mentais sobre o Outro passam a ser reproduzidos de forma que fortalecem um exemplo que deve ser seguido e outro que deve ser evitado. Para Afonso X, tais modelos poderiam ser benéficos para seu próprio projeto de centralização do poder e a legitimação de sua imagem dentro de um território com grandes diferenças religiosas e culturais. É a partir justamente dessas diferenças que o discurso afonsino poderia ganhar destaque nas Cantigas: a exaltação da Virgem Maria e do cristianismo como o modelo a ser seguido e defendido pode ter influenciado numa possível união social peninsular.

Para além dessa cantiga, existem outras que também abordam esse mesmo tema da Virgem como guerreira e portadora de um exército celestial. Um exemplo que podemos citar é a CSM 233⁶², a qual relata como um cavaleiro que vivia constantemente perseguido acabou sendo salvo pelo exército a mando de Maria. Ao conseguir se refugiar em uma ermida, o cavaleiro reza à Virgem pedindo por perdão e proteção, pois temia ser morto ao avistar seus inimigos se aproximando. Enquanto fazia isto,

[...] *os cavaleiros mui toste*
chegaron polo mataren; | mas viron estar grand' oste
ant' a porta da eigreja, | que era en un recoste,
e tod' aquel logar chēo | era d'omees armados
 [...] *Que llo defendr querian, | se ss' eles a el chegassen.*
E quand' eles esto viron, | med' ouveron que ss' achassen
mal de Deus e de sa Madre | se y mais fazer provassen,
e afastaron-s' afora, | ca foron muit' espantados.
 [...] *Ca ben viron que aqueles | que o ajudar vēeran,*
en como toste chegaron, | que deste mundo non eran;
e porende repentidos | foron de quanto fezeran
*e perdōaron-lle logo, | e foron del perdōados [...]*⁶³ (CSM 233, 35-38; 40-43; 45-48)

⁶¹ Lembremos que suas características na cantiga reforçam sua representação como “o Apóstata”. Nesse sentido, Juliano não era somente falso, traidor ou malfeitor por assumir o papel do inimigo construído como o Outro, mas também por proferir um discurso que pretendia reviver a cultura clássica politeísta, o que não ia de acordo com a normatividade cristã.

⁶² Cantiga n° 62 pelo Códice de Florença (F).

⁶³ Tradução em espanhol: “[...] los caballeros llegaron rápidamente / para matarlo, pero ante la puerta de la iglesia, / que estaba en una pequeña colina, vieron un gran ejército / y mucha gente armada todo alrededor / [...] Que iban a impedir que se acercasen a él. / Al ver esto, tuvieron miedo de que tuviesen que enfrentarse a Dios y a su Madre si persistiesen en el intento / y se marcharon, pues se asustaron muchísimo, / [...] Pues se dieron cuenta de que aquellos que habían venido a ayudarlo / y que llegaron como un ejército, que no eran de este mundo, / y

Nesse trecho, embora não de forma tão direta como na cantiga anterior, há a menção de um exército sobrenatural que não só defende a ermida como também protege o cavaleiro, trazendo à tona questões referentes ao arrependimento e à valorização do perdão a partir da representação mariana. O discurso do rei, neste caso, passa a ser transmitido na composição através da valorização do bem estar comum, em que o arrependimento assume um papel central para que o medo de Maria se transforme em um respeito de sua imagem: o modelo mental que poderia estar sendo imposto, portanto, é de que a Virgem deveria ser temida, porém não de forma a ser evitada, mas sim acolhida enquanto força de proteção necessária capaz de promover a harmonia em um reino tão heterogêneo.

Por fim, é interessante comentarmos sobre a cantiga 165⁶⁴, visto que, além de apresentar um discurso semelhante, ela também contribui para uma análise sobre as representações do Outro no cancionero mariano: nela há a descrição de como a população de Tortosa foi defendida por cavaleiros celestes a mando da virgem em decorrência de um possível ataque pelas mãos do sultão Bondoudar. Mesmo estando vazio, o local acaba sendo preenchido pelos guerreiros a mando de Maria:

*O soldan log' outro dia | sas gentes armar mandou
pera fillaren a villa, | mas non foi com' el cuidou;
ca pois sse chegou a ela, | tal gente lle semellou
que estava alá dentro, | que non ficava portal
[...] Nen torre nen barvacãa | nen muro per nulla ren
u gente muita non fosse, | armados todos mui bien⁶⁵ (CSM 165, 40-43; 45-46)*

Da mesma forma que nas cantigas anteriores, portanto, a intervenção divina a favor da cristandade acaba sendo o ponto central do discurso, o qual supostamente poderia influenciar na percepção sobre os conflitos envolvendo religiões diferentes. Sobre isso, Mateus Sokolowski (2016, p. 145) já levantava a hipótese de que além do aspecto devocional das Cantigas, “[...] uma das motivações para sua escrita era mobilizar o receptor através do exemplo”: para o contexto da preocupação territorial com a Reconquista e para as pretensões afonsinas por uma união peninsular, exaltar estas características faz da visão de mundo cristã um modelo a ser

se arrepintieron de quanto habían hecho / y perdonaron (al caballero) y fueron de él perdonados / [...]” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 326).

⁶⁴ Cantiga nº 165 também pelo Códice Rico (T), sendo identificada repetidamente pelo nº 395 no Códice dos Músicos (E).

⁶⁵ Tradução em espanhol: “Al día siguiente, el sultán mandó que se armase su gente / para tomar la ciudad, pero no ocurrió lo que él creía, / pues, al acercarse a ella, le pareció que había tal cantidad / de gente allá adentro, que no quedaba portal / [...] Ni torre ni barbacana ni muro / donde no hubiese personas, y todas muy bien armadas” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 233-234).

seguido e quem sabe almejado, devido à suposta proteção das santidades guerreiras em campo de batalha em nome da cristandade.

Aline Dias da Silveira (2009, p. 50) ressalta que “[...] a Cantiga 165 representa os conflitos bélicos nas regiões fronteiriças ao mar e, ao mesmo tempo, o entrelaçamento religioso entre cristãos e muçulmanos, derivado da coexistência das duas religiões em um mesmo espaço”. Estas características também se manifestam pelo discurso da composição ao promover a integração destes últimos à sociedade cristã através da fé em Maria⁶⁶. Contudo, essa integração não se dá de forma fácil e automática, pois a cantiga idealiza, através do reconhecimento do poder da Virgem por parte do sultão Bondouar, que a religião cristã é superior: através do reconhecimento do poder mariano, surge o respeito, o temor e o amor do sultão pela Santa, levando a narrativa a se integrar ao discurso afonsino e ao contexto da Reconquista de que “[...] os cristãos estariam certos em sua crença em detrimento da crença islâmica” (SILVEIRA, 2009, 50). Nesta fala da autora, percebemos novamente o conflito existente entre dois grupos diferentes, o “nós” e o “eles”, a partir dos quais o discurso privilegia uma ideologia a ser seguida pela sociedade como um todo a partir do exemplo do milagre relatado e do reconhecimento do poder da Virgem por parte de Bondouar e da religião cristã como superior. Essa ideologia, por sua vez, evidencia um modelo mental sobre o papel e o significado da Santa enquanto defensora e protetora desta suposta fé superior, pois sua imagem passa a “[...] operar de tal maneira que esta passa a figurar como uma espécie de quarto elemento devocional, transformando assim a característica *Trindade* - formada por Deus, Jesus Cristo e o Espírito Santo - em uma quadripartite divina” (PRATA, 2020, p. 316, grifo do autor).

Sobre a construção da imagem do Outro como inimigo a ser combatido, Maria Dolores Bollo-Panadero (2008a, 2008b) argumenta que talvez a grande diferença entre as representações dos judeus e muçulmanos nas Cantigas seja o fato de que os primeiros são inimigos por questões de fé, enquanto os segundos são por representar o inimigo político em um sistema ideológico oposto ao pensamento cristão que se procurava implementar. Nesse sentido, não só a representação do Outro nos milagres fortalece o discurso afonsino ao exaltar as diferenças entre as religiões de modo que a cristã seja privilegiada, como também Maria aparece nas composições como o único caminho para a salvação no qual as atitudes do Outro são repreendidas por Ela, porém como meio de tentar inseri-lo na normatividade cristã. Ou seja, apesar do Outro ser caracterizado como falso, cruel ou traidor - como no caso acima de Juliano

⁶⁶ Novamente ressaltamos o trabalho de Hugo Rodrigues Miranda (2022), o qual aborda as estratégias de combate ao islã e também de inserção dos muçulmanos na visão de mundo imposta pelo discurso afonsino, através da análise visual das iluminuras presentes nas Cantigas de Santa Maria.

-, Maria também aparece como protetora universal. Contudo, Aline Dias da Silveira (2009) ressalta que o objetivo afonsino não era necessariamente conseguir a conversão desses sujeitos, mas sim estabelecer as condições de existência em que a proteção da Virgem seria possibilitada apenas pelo reconhecimento de seu poder e da superioridade cristã.

O que também provavelmente estava presente no discurso propagado nas Cantigas de Santa Maria é uma possível norma de conduta colocada por Afonso X com o objetivo de apaziguar os conflitos entre o rei e a nobreza. Mateus Sokolowski (2016) analisou a fundo em sua dissertação o papel da cavalaria na obra afonsina com o intuito de identificar se a exaltação das virtudes ou vícios dos cavaleiros estão inseridas nas cantigas e se contribuem para um propósito de “marianizá-los”, num objetivo final de estabelecer uma ordem de combate comum a todos: “Seria um aviso à nobreza de que, apesar de terem pecado, ainda havia a oportunidade, de jurar vassalagem à Virgem, cúmplice e protetora do rei?” (SOKOLOWSKI, 2016, p. 137). Em suas análises, o autor não só identificou que as Cantigas dialogam com a legislação proposta pelo monarca, a qual estabelecia leis mais universalistas para a centralização do reino, como também que, por existir esse conflito entre ele e a nobreza, não é incorreto pensar que Afonso X poderia celebrar as narrativas de combate nas Cantigas exaltando a lealdade dos guerreiros a partir do contexto em que necessitava do apoio e confiança desses homens em seu reino para atingir seu objetivo final⁶⁷. Dialogando com as *Siete Partidas*, Afonso X procurava “[...] educar os nobres através do ensinamento das virtudes (Amizade, Amor, Lealdade) no sentido de evitar as revoltas e posicionar sua pessoa como a mais justa em favor do Bem Comum” (SENKO; SOKOLOWSKI, 2016, [p. 10]), a partir de uma construção teórica em que a religião cristã, através de Santa Maria, agia “[...] não como braço independente da sociedade, mas como sustentáculo do poder real” (SENKO; SOKOLOWSKI, 2016, [p. 12]).

Dito isso, foi possível perceber um grande número de composições que reforçam este discurso afonsino a partir de uma norma de conduta que se procurava impor aos cavaleiros e à nobreza. Entre elas, destacamos a cantiga 152⁶⁸, a qual nos apresenta a estória de um cavaleiro

⁶⁷ Além do diálogo das Cantigas de Santa Maria com a legislação afonsina, é interessante observarmos outras situações em que a música pode ter sido utilizada politicamente. Um dos exemplos sobre esse tema encontramos na obra intitulada “Poesia política e relações anglo-francesas no século XIII”, de José Roberto de Almeida Mello (1989), na qual o autor analisa como os poetas dessa época se utilizavam da poesia para expressar suas visões políticas e para influenciar a opinião pública em relação às questões de guerra e paz entre a França e a Inglaterra. Para além disso, Mello procura discutir como as composições representavam seus respectivos territórios e líderes políticos, e como eles exploravam temas como a honra, a lealdade e a justiça em seus versos. Outro destaque podemos dar para o trabalho de Cybele Crossetti de Almeida e Daniele Gallindo Gonçalves Silva (2016), no qual as autoras discutem a representação da temática política nas cantigas do compositor alemão Walther von der Vogelweide (1170-1230) acerca das tensões entre o Sacro Império e o papado durante o período da questão das investiduras.

⁶⁸ Cantiga com mesma numeração pelo Códice Rico (T).

que, apesar de ser um bom guerreiro e de confiar muito na Virgem, havia cometido muitos pecados. Procurando encomendar sua alma à Santa, esta lhe aparece com uma bacia de prata com um líquido malcheiroso, fazendo uma menção ao mesmo tempo sarcástica e moralizante sobre como se encontrava sua vida: em nossa análise, não adiantava ao cavaleiro ser belo e forte em seu exterior, como a bacia de prata, se sua alma era pecaminosa e asquerosa, como o líquido no interior do objeto. Somente após ouvir isto é que o cavaleiro muda sua conduta e consegue ser salvo por Santa Maria.

Logo de início, percebe-se como o discurso afonsino destaca as virtudes do cavaleiro ao mesmo tempo que o coloca de frente aos seus vícios e falhas. Isso fica evidente logo nas primeiras estrofes do poema, em que a Virgem

*[...] un mui gran miragre / mostrou por un cavaleiro
que apost' e fremos' era | e ardid' e bon guerreiro;
mas era luxurioso | e soberv' e torticeiro,
e chèo d' outros pecados | muitos, grandes e mēores⁶⁹ (CSM 152, 06-09)*

No trecho em questão, o cavaleiro é apresentado como forte e valente, porém também como luxurioso, soberbo⁷⁰ e injusto. Não estariam estes “defeitos” diretamente conectados com o que Afonso enxergava a partir do seu conflito com a nobreza? Primeiramente, os termos como luxurioso, soberbo e injusto acabam exaltando as características negativas e que devem ser evitadas pelos cavaleiros com o intuito de garantirem o respeito pelas suas posições e a salvação pela Virgem, inserindo o discurso dentro da concepção religiosa de defesa dos valores da cristandade. Contudo, além disso eles também se inserem no pensamento ideológico afonsino sobre qual seria a norma de conduta adequada, gerando um exemplo de modelo mental a ser reproduzido por todos, pois luxurioso, soberbo e injusto seria aquele que continuasse a ir contra o seu objetivo de centralização política. Submeter os guerreiros à vassalagem da Virgem,

⁶⁹ Tradução em espanhol: “[...] mostró un milagro por un caballero / que era apuesto, guapo, valiente y buen guerrero, / pero era lujurioso, soberbio e injusto, / y lleno de otros pecados mayores y menores” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 219).

⁷⁰ No contexto medieval a soberba era vista como um dos pecados mais graves. Dialogando com o *Tratado de Confissom*, um manual de confissão português elaborado somente em 1489, mas que nos auxilia na compreensão do significado do pecado para a realidade da visão de mundo afonsina, Bárbara Macagnan Lopes (2009) ressalta que a soberba era perigosa e vista como um pecado que desencadeia outros males, tais como crueldade, desobediência e hipocrisia. Isso possibilita, por exemplo, observar as revoltas nobilitárias contra Afonso X a partir da suposição de que a nobreza seria a grande pecadora. Por fim, o tema do pecado na Idade Média também já foi trabalhado por outros autores como Alejandro Morin, do qual destaco como referência o trabalho intitulado “Pecado y delito en la Edad Media: Estudio de una relación a partir de la obra jurídica de Alfonso el Sabio”, publicado em 2009.

portanto, supostamente poderia ter sido a alternativa encontrada por Afonso X para contornar os conflitos existentes e submeter todos à mesma norma.

No decorrer da composição, com a metáfora utilizada com o líquido na bacia de prata, Santa Maria aparece e deixa claro que, por conta dos atos pecaminosos, o cavaleiro não poderia ser salvo e que ele iria para o inferno. Há, portanto, um apelo ao medo da morte, em que o castigo pela danação eterna serve de ferramenta ideológica para “corrigir” a conduta do cavaleiro. Esta nossa análise pode ser exemplificada pelo trecho a seguir:

*“Dar-ch-ei recado:
eu sōo Santa Maria, | e venno-te teu estado
mostrar per est’ escudela, | porque leixes teus errores
[..] [C]a ves, esta escudela | mostra-ti que es fremoso
e ás muitas bōas mannas; | mas peccador e lixoso
es na alma, poren cheiras | com’ este manjar astroso,
per que verás a inferno, | que é chēo d’ amargores”⁷¹ (CSM 152, 27-29; 31-34)*

Nesta passagem, há o reforço do discurso do rei sobre sua política desejada, a partir da qual o julgamento mariano procura evidenciar sua imagem como rei justo em um reino no qual os pecados cometidos pelo cavaleiro não são tolerados pela ordem divina: através da Virgem, portanto, a cantiga afirma que somente abandonando seu mau comportamento seria possível ao cavaleiro ser salvo por ela, o que reforça o discurso afonsino e fortalece seu objetivo centralizador a partir da “marianização” da nobreza guerreira. Para além disso, a respeito das obras legislativas, Olga Pishchenko (2012) ressalta que a ideia de Afonso X era a de sujeitar a nobreza a um modelo social e ético, o que indiretamente se refletiu no seu discurso apresentado na obra: “Ele está interessado não em construir um modelo militar, mas criar meios de controle de espaço nobilitário através de formação de um sistema de comportamento de normas éticas, políticas e culturais” (PISHCHENKO, 2012, p. 06). Dessa forma, pode-se observar que o discurso presente na cantiga 152 das Cantigas de Santa Maria também está impregnado pela norma cristã, apresentando a figura de Santa Maria como um exemplo de justiça e como um caminho para a salvação. Contudo, é possível identificar uma mensagem subliminar e dissimulada no texto, que enaltece e privilegia o modelo mental afonsino acerca da conduta guerreira, permitindo assim uma reconciliação do rei com a nobreza:

⁷¹ Tradução em espanhol: “«Te lo diré: / yo soy Santa María y vengo a mostrarte, / a través de esta escudilla, / en qué estado estás / para que dejes tus errores; [...] Porque esta escudilla te muestra que eres hermoso y tienes muchas buenas maneras, pero pecador y asqueroso / eres en el alma, por eso hueles como este alimento asqueroso, / e irás al infierno, que está lleno de amarguras»” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 219).

Assim cria-se uma nova ordem social, onde os ricos-homens não se podem mais ver como os adversários de rei, já que estão sendo incluídos no mesmo estado que ele, mas onde este próprio é a cabeça. Esta ordem social os une pelo vínculo colocado como natural – que é cavalaria. A cavalaria não é mais um ofício, mas a mais alta dignidade, aquela em que todos os nobres se encontram, e a partir da qual constroem uma imagem legal. Todavia não são os cavaleiros que são enobrecidos, é a nobreza que se integra na cavalaria que é apresentada como uma das três ordens sociais (PISNITCHENKO, 2012, p. 09).

Por fim, para além desta composição, como bem apontado por Mateus Sokolowski (2016), o tema do pecado e das virtudes e sua utilização como ferramenta de propagação do modelo normativo afonsino também está presente em diversas outras cantigas, como na CSM 137⁷². Nela, a Virgem Maria salva um cavaleiro da luxúria, mantendo-o em castidade, e é interessante observarmos novamente o possível impacto causado pelo refrão: “*Sempr’ acha Santa Maria razon verdadeira per que tira os que ama de maa carreira*” (CSM 137, 3-4)⁷³. A partir dessa frase, o discurso afonsino também poderia indiretamente ganhar destaque, pois esclarece que Santa Maria garante a salvação àqueles que cometem atitudes pecaminosas: querendo estabelecer um modelo de comportamento a ser seguido, era à Virgem que o rei recorria para ditar o que era aceitável ou não dentro do seu pensamento e da normatividade cristã. Além disso, a cantiga não deixa de reforçar a piedade de Maria ao salvar o cavaleiro:

*El en tal coita vivendo, a mui Groriosa,
entendendo que saude dest’ era dultosa,
porque non perdess’ sa alma, come piadosa
faze, come mui sisuda e come arteira*⁷⁴ (CSM 137, 30-33)

A cantiga, portanto, reforça um modelo mental sobre a bondade de Maria em ajudar os pecadores, o qual, de forma irônica, não só impõe o medo da morte e da danação eterna como “castigo” aos pecadores, como também a opção pela coragem destes em recorrer à piedade da Virgem para atingir a salvação. Seria esta também uma forma de Afonso X atingir a nobreza insatisfeita com seu projeto centralizador? Como vimos antes, pecados como a soberba e a luxúria precisavam ser combatidos, e assim, através deste modelo normativo imposto pelo discurso afonsino a partir da representação de Maria, supostamente poderiam deixar aqueles insatisfeitos com o rei em uma posição de dúvida ou medo em relação aos seus comportamentos.

⁷² Cantiga com mesma numeração pelo Códice Rico (T).

⁷³ Tradução em espanhol: “Santa María siempre encuentra la razón verdadera / para sacar a los que ama de las malas costumbres” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 199).

⁷⁴ Tradução em espanhol: “Y mientras él vivía en esta tribulación, la Muy Gloriosa, / al darse cuenta de que las posibilidades de salvación de aquel eran pocas, / para que no perdiese su alma, actuó como piadosa, muy sensata y astuta” (ALFONSO X; FIDALGO FRANCISCO, 2022, p. 199).

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da Análise Crítica do Discurso, foi possível perceber que as Cantigas de Santa Maria manifestam o discurso de Afonso X a partir de um caráter propagandístico que não só legitima seu poder, como também afirmam a cristandade como religião superior em relação às demais presentes em seu reino. Após as análises realizadas, portanto, podemos retomar os objetivos propostos em nossa pesquisa e responder os questionamentos que propomos investigar: como as Cantigas de Santa Maria mencionam o reinado de Afonso X, como são representados os guerreiros nos poemas e qual é a forma de justiça aplicada nos milagres pela Virgem aos não cristãos.

Primeiramente, os milagres marianos reproduzem a imagem de Afonso X e de seu reino como um modelo normativo a ser seguido que, através do discurso, privilegia sua visão de mundo a partir da ideologia colocada sobre seu projeto centralizador. Em segundo lugar, essa ideologia era manifestada indiretamente através da construção de modelos mentais referentes não só a ele e seu reino, como também à Maria e aos não-cristãos. Dessa forma, a partir da fé na Virgem, o rei podia determinar uma norma de conduta que possibilitasse o bem estar social em um reino tão diversificado culturalmente e religiosamente, ditando o que seria aceitável e inaceitável no nível comportamental através do julgamento de Maria. As cantigas, assim, transmitiam a suposta vontade divina em relação à sociedade cristã, buscando organizar, ordenar e unificar o reino através de Afonso X como vigário de Deus e protegido por Ele e Santa Maria.

Entre os modelos mentais presentes no discurso, há a exaltação de Maria como força guerreira e que combate em favor da cristandade, a construção do inimigo em que o Outro é estereotipado em comparação à valorização das qualidades cristãs, e a utilização do apelo ao medo da morte e da danação eterna como meio de “corrigir” os pecadores e fazer que se arrependam de seus comportamentos para serem salvos pela Virgem. Dessa forma, é possível perceber que as Cantigas de Santa Maria se apresentam como uma importante ferramenta propagadora dos ideais afonsinos e que foi utilizada por ele para se legitimar no poder, visto que, da união entre o religioso e o político, sua obra possibilita transmitir ao público suas mais variadas percepções de mundo.

Nesse sentido, o reinado de Afonso X e sua posição enquanto rei são expostos pelo discurso através de um modelo mental que o representa como rei justo e que estabelece não só seu reino como protegido, mas também seu poder como possibilitado por uma ordem divina, nesse caso representada pela Virgem Maria. Através desse modelo, o discurso promove um

exemplo a ser seguido, em que uma ordem normativa é estabelecida para que sua posição enquanto rei continue a ser respeitada. A partir disso, aqueles que ferem esta normatividade precisam se adequar a ela a partir desse modelo mental, do qual Afonso X também poderia se utilizar para atingir diretamente a nobreza e os cavaleiros, fazendo que se inserissem em uma norma de conduta com base em sua visão de mundo, a qual impõe que, para a proteção de Maria, os atos pecaminosos não são admitidos. Essa poderia ter sido uma estratégia para frear a insatisfação de parte da nobreza com seu projeto político centralizador, visto que, ao se desviar da norma dita “correta”, o pecador estaria indo não só contra a ordem pretendida pelo rei, mas também contra a ordem de Maria. Por fim, o discurso afonsino também expõe um modelo mental sobre o Outro e sua inserção na sociedade do reino de um modo que os não-cristãos passem a respeitar e reconhecer não só seu poder como também o da Virgem: a partir da exaltação do que seria condenável nas atitudes do Outro, Santa Maria surge como ferramenta discursiva de Afonso tanto por proporcionar o medo de seu poder quanto por atuar como bondosa e justa, em que a partir disso o indivíduo não busque necessariamente por conversão, mas sim por reconhecer o poder de Maria e a normatividade afonsina imposta através Dela para que se alcance o bem estar social.

Contudo, cabe ressaltar que essas são apenas algumas das hipóteses que podemos apresentar com base em nossas análises. A partir da Análise Crítica do Discurso, muitas outras questões podem ser levantadas e outros modelos mentais podem ser identificados a partir das pretensões políticas afonsinas propagadas pelas Cantigas de Santa Maria. Além disso, é importante lembrar que Afonso X foi responsável por produzir diversas outras obras de caráter tanto historiográficas, científicas e legislativas, a partir das quais outros pensamentos ideológicos podem ter sido manifestados. Ou seja, este trabalho procurou estudar apenas algumas das possibilidades de interpretação do discurso afonsino com o intuito de compreender os possíveis usos de uma das suas obras literárias para fins políticos. Nesse sentido, muitas outras pesquisas podem ainda ser realizadas não só sobre outros modelos mentais expostos no discurso das Cantigas de Santa Maria, como também naqueles manifestados nas outras obras afonsinas.

Ademais, do mesmo modo que outras interpretações sobre o discurso presente nas Cantigas podem ser realizadas, cabe lembrar que a obra fornece distintas possibilidades de recepção entre texto, som e imagem. Ou seja, neste trabalho optamos por analisar o discurso afonsino somente a partir do seu registro oral e escrito, mas a manifestação visual a partir das iluminuras também oferece um rico campo de análise, em que os mesmos modelos mentais

identificados nos versos podem ser reinterpretados e estudados através de questões particulares da análise imagética das composições. Sobre as representações dos adeptos do islamismo, por exemplo, Hugo Rodrigues Miranda (2022) ressalta que, além de serem modos de produção e reprodução das narrativas presentes nos versos, as iluminuras

[...] também contribuem para manipular e consolidar o imaginário social antimuçulmano e nos revelam igualmente não apenas a representação visual de um texto escrito, mas também a imagem mental presente no iluminador que realizou a pintura. Ele, o iluminador, além de traduzir de uma linguagem escrita para uma linguagem visual, acabam por expor, consciente ou inconscientemente, os estereótipos compartilhados nesta sociedade sobre o Outro representado (MIRANDA, 2022, p. 32-33).

Nesse sentido, portanto, esta pesquisa abre margem para que outras análises possam ser feitas também a partir da recepção visual das Cantigas de Santa Maria. Tendo em vista a multiplicidade de formas de recepção que a obra fornece, assim como a variedade de interpretações que o discurso afonsino pode ter assumido pelas cantigas, não podemos pensar os modelos mentais analisados nesse trabalho como os únicos possíveis pelo pensamento do rei. Assim como colocado no decorrer dessa exposição, todo discurso é também ideológico. Contudo, pela Análise Crítica do Discurso van Dijkiana, toda ideologia é constituída pela forma como os sujeitos interpretam o mundo. Assim sendo, não podemos analisar o discurso afonsino definindo-o com um significado universal: é preciso interpretá-lo a partir de diferentes análises de sua manifestação.

REFERÊNCIAS

I. Fonte:

AFONSO X, Rei de Castella e Leão. **Cantigas de Santa Maria**. Edição de Walter Mettmann. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 1959/1972. 4 v.

ALFONSO X, Rey de Castilla; FIDALGO FRANCISCO, Elvira (trad.). **Traducción al castellano de las “Cantigas de Santa María” de Alfonso X el Sabio**. Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2022.

II. Bibliografia:

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Considerações sobre o uso político do conceito de justiça na obra legislativa de Afonso X. **Anos 90**, n. 16, p. 13-36, 2001/2002. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31694/000377631.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 jan. 2023.

ALMEIDA, Cybele Crossetti de. Legislar para o bem comum: direito e centralização política em Afonso X. **BIBLOS**, v. 21, n. 2, p. 9-31, 2007. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/832>. Acesso em: 10 out. 2022.

ALMEIDA, Cybele; SILVA, Daniele Gallindo. A poesia política de Walther von der Vogelweide e a Questão das Investiduras. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 20, n. 3, p. 69-81, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3055/305549840007.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2023.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARRIO BARRIO, Juan Antonio. El concepto de frontera en la Edad Media: la frontera meridional del reino de Valencia (Siglos XIII-XV). **Sharq al-Andalus: estudios mudéjares y moriscos**, n. 20, p. 41-65, 2011/2013. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/86648>. Acesso em: 04 jan. 2023

BARROS, José D'Assunção. O trovadorismo medieval ibérico e a violência simbólica – séculos XIII e XIV. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 32, n. 2, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1355>. Acesso em: 19 jan. 2023

BOLLO-PANADERO, María Dolores. Heretics and Infidels: The Cantigas de Santa María as Ideological Instrument of Cultural Codification. **Romance Quarterly**, v. 55, n. 3, p. 163-174, 2008a. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.3200/RQTR.55.3.163-174>. Acesso em: 27 jan. 2023.

BOLLO-PANADERO, María Dolores. “Textos de persecución”: formación ideológica y hegemonía cristiana en la literatura castellana de los siglos XIII-XV. **Hispanófila**, n. 154, p. 15-29, 2008b. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43808543>. Acesso em: 27 jan. 2023.

BREA, Mercedes. As Cantigas de Santa Maria. In.: BREA, Mercedes (Coord.). **Idade Média**. Corunha: Hércules de Ediciones, 2000. Cap. 6, p. 324. Disponível em: https://www.academia.edu/39747901/As_Cantigas_de_Santa_Mar%C3%ADa. Acesso em: 24 mar. 2023.

CASSON, Andrew D. Cantigas de Santa Maria for Singers. **Site**. 2019. Disponível em: <http://www.cantigasdesantamaria.com/>. Acesso em: 02 maio 2023.

CENTRE for the Study of the Cantigas de Santa Maria of Oxford University. **Site**. Oxford, 2005. Disponível em: <https://csm.mml.ox.ac.uk/>. Acesso em: 12 out. 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CONTAMINE, Philippe. Aperçus sur la propagande de guerre, de la fin du XIIe au XVe siècle: les Croisades et la Guerre de Cents Ans. In: CAMAROSANO, P. **Le forme della propaganda politica nel due e nel trecento**. Ed. P. Rome, 1994. p. 5-27

DIJK, Teun A. van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2015a.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso, Notícias e Ideologia**: estudos na Análise Crítica do Discurso. Porto: Campo das Letras, 2005.

DIJK, Teun A. Van. El estudio del discurso. In: DIJK, Teun A. van. **El discurso como estructura y proceso**. Barcelona: Gedisa, 2000. Cap 1, p. 21-65.

DIJK, Teun A. Van. A. Ideologia. **Letras de Hoje**, v. 50, n. 5, p. s53-s61, 2015b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/23139>. Acesso em: 21 fev. 2023.

ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval**. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

ECO, Umberto. **Construir o Inimigo e Outros Escritos Ocasionalmente**. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Gradiva, 2011.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 1997.

FAVARO, G. S. Olhar histórico do português brasileiro através do gênero lírico: contribuições de análises advindas das Cantigas de Santa Maria. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 49, n. 1, p. 210–225, 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2577>. Acesso em: 19 mar. 2023.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Laura. El Scriptorium Alfonsí: coordenadas de estudio. In: FIDALGO, Elvira (Ed.). **Alfonso X el Sabio: cronista y protagonista de su tempo**. San Millán de la Cogolla: Cilengua, 2020.

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Laura. Los manuscritos de las Cantigas de Santa María definición material de un proyecto regio. **Alcanate - Revista de Estudios Alfonsíes**, n. 8, p. 81-117, 2012/2013,. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/id/eprint/39399/>. Acesso em: 07 set. 2022.

FERREIRA, Manuel Pedro. A música no códice rico: formas e notação. In: FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Laura; RUIZ SOUZA, Juan Carlos (Coord.). **Alfonso X El Sabio (1221-1284), Las Cantigas de Santa María**: Códice Rico, Ms. T-I-1, Real Biblioteca del

Monasterio de San Lorenzo de El Escorial. Madrid: Testimonio Compañía Editorial, v. 2, 2011, 187-204.

FERREIRA, Manuel Pedro. **A Notação das Cantigas de Santa Maria: Edição Diplomática, I / The Notation of the Cantigas de Santa Maria: Diplomatic Edition, I**. Lisboa: CESEM, 2017.

FERREIRA, Manuel Pedro. Andalusian music and the Cantigas de Santa Maria. In: **Cobras e Som**. Papers from a Colloquium on the Text, Music and Manuscripts of the Cantigas de Santa Maria, edited by Parkinson, Stephen. Oxford, United Kingdom: Legenda, 2000. p. 7-19.

Disponível em :

https://www.academia.edu/1233307/Andalusian_Music_and_the_Cantigas_de_Santa_Mar%C3%ADa. Acesso em: 10 out. 2022.

FERREIRA, Manuel Pedro. Bases para la transcripción: el canto gregoriano y la notación de las Cantigas de Santa María/ Bases for Transcription: Gregorian Chant and the Notation of the Cantigas de Santa Maria. In: **Los instrumentos del Pórtico de la Gloria: Su reconstrucción y la música de su tiempo**. La Coruña, Spain: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1993. p. 573-621.

FERREIRA, Manuel Pedro. The Stemma of the Marian Cantigas: Philological and Musical Evidence. **Cantigueiros**, v. 6, p. 58-98, 1994,. Disponível em:

https://www.academia.edu/1220178/The_stemma_of_the_Marian_cantigas_philological_and_musical_evidence. Acesso em: 10 out. 2022.

FERREIRA, Manuel Pedro. Understanding the Cantigas: Preliminary Steps. In: **Analizar, interpretar, hacer música: de las Cantigas de Santa María a la organología**. Escritos in memoriam Gerardo V. Huseby, edited by Plesch, Melanie. Buenos Aires, Argentina: Gourmet Musical Ediciones, 2013. p. 127-152.

FIDALGO FRANCISCO, Elvira. El público de las ‘Cantigas de Santa Maria’: algunas hipótesis acerca de su difusión. In: AVENOZA, Gemma; SIMÓ, Meritxell; ROBLES, M. Lourdes Soriano (Ed.). **Estudios sobre pragmática de la literatura medieval**. València: Universitat de València, 2017.

FONTES, Leonardo A. S. A função política das Cantigas de Santa Maria no reino de Afonso X (Castela e Leão, 1252-1284). **Revista Aedos**, v. 2, n. 2, 2009. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9854>. Acesso em: 12 out. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GAUVARD, Claude. Qu’est-ce que l’opinion avant l’invention de l’imprimerie. In: **Rendez-vous de l’Histoire** (Blois, 2007). Editions Pleins Feux, 2008. p. 21-59.

GEARY, Patrick J. A Europa das Nações ou a Nação Europa: Mitos de Origem Passados e Presentes. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 1, n. 1, p. 21–35, 2013. Disponível em: <https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/1719>. Acesso em: 03 set. 2022.

GEARY, Patrick J. **O mito das nações: a invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad, 2005. p. 113-175.

GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro; PAULA, Marlúbia Corrêa de. Análise Crítica do Discurso de van Dijk: caracterizando alguns conceitos. In: GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; PAULA; Marlúbia Corrêa de. **Teorias da Análise do Discurso: contribuições de Michel Pêcheux e Teun van Dijk à pesquisa social**. Alexa Cultural: São Paulo / Edua: Manaus, 2022. p. 165-177.

GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro. Dispositivo teórico-metodológico na Análise Crítica do Discurso: uma experiência em pesquisa. In: GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; PAULA; Marlúbia Corrêa de. **Teorias da Análise do Discurso: contribuições de Michel Pêcheux e Teun van Dijk à pesquisa social**. Alexa Cultural: São Paulo / Edua: Manaus, 2022. p. 179-198.

JUSTEN, P. A construção historiográfica da imagem do rei sábio. **Ars Histórica**, v. 15, n. 1, p. 62-76, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/46101>. Acesso em: 23 jan. 2023.

KLEINE, Marina. Afonso X e a legitimação do poder real nas Cantigas de Santa Maria. **Anos 90**, v. 9, n. 16, p. 51–69, 2001/2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6225>. Acesso em: 01 out. 2022.

KLEINE, Marina. El carácter propagandístico de las obras de Alfonso X. **De Medio Aevo 2**, nº 2, p. 1-42, 2013. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/DMAE/article/view/75827>. Acesso em: 23 set. 2022.

KLEINE, Marina. **El rey que es formosura de Espanna: imagens do poder real na obra de Afonso X, o sábio (1221-1284)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2005. 248 f. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5827/000521016.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 set. 2022

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LADERO QUESADA, M.-A. Reconquista y definiciones de frontera. **História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 15, n. 1, p. 655-691, 1998. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5575>. Acesso em: 14 dez. 2022.

LEÃO, Ângela V. Questão de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 3, p. 21–32, 2000. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/252>. Acesso em: 10 out. 2022.

LIMA, Maria Ramos. **Santa Maria de Terena nas Cantigas de Santa Maria: aspectos históricos, políticos e musicais**. Dissertação de Mestrado em Ciências Musicais, área de especialização em Musicologia Histórica. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2018. 334 f. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/51110>. Acesso em: 14 out. 2022.

LOPES, Bárbara Macagnan. **Os pecados em manuais de confissão da Península Ibérica entre o fim do século XIV e início do XVI**. 2009. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/21250>. Acesso em: 22 mar. 2023.

LÓPEZ ESTRADA, Francisco. **Introducción a la Literatura medieval española**. 4. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

MELLO, J. R. de A. Poesia política e relações anglo-francesas no século XIII. **Revista de História**, n. 119, p. 199-212, 1988. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18580>. Acesso em: 17 mar. 2023.

MENÉNDEZ PELÁEZ, Jesús. **Nueva visión del amor cortés**. Oviedo: Universidad de Oviedo, 1980.

MIRANDA, Hugo Rodrigues. **Imagem e imaginário sobre o outro: os muçulmanos nas iluminuras das Cantigas de Santa Maria de Afonso X, séc. XIII**. 2022. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/243147>. Acesso em: 10 out. 2022.

MIRANDA, José Carlos Ribeiro. O galego-português e os seus detentores ao longo do século XIII. **e-Spania** [En linha], 13 jun. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/e-spania/21084>. Acesso em: 12 set. 2022.

MITRE FERNÁNDEZ, Emílio. Los límites entre estados: la idea de frontera en el Medievo y el caso de los reinos hispano-cristianos. In: RIOS SALOMA, Martín F. (Ed.). **El mundo de los conquistadores**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas; Sílex Ediciones, 2015. p. 99-118. Disponível em: www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/mundo/conquistadores.html. Acesso em: 07 jan. 2023.

MONSALVO ANTÓN, José M. Centralización monárquica castellana y territorios concejiles (algunas hipótesis a partir de las ciudades medievales de la región castellanoleonesa). In: BARRIO BARRIO, Juan Antonio (Coord.). **Historia Medieval: anales de la Universidad de Alicante**, n. 13, p. 1-116, 2000/2002. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6780/1/HM_13_05.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

MONTENEGRO, R. H.; ANDRADE, G. O. “Cantigas de Santa Maria” (Séc. XII): Intersecções entre História e Relações Internacionais. **Mural Internacional**, v.10, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/muralinternacional/article/view/42158/31349>. Acesso em: 07 set. 2022.

MONTOYA MARTÍNEZ, Jesús. El cuadro «La muerte de Juliano el apóstata», del pintor granadino Juan de Cieza, y la cantiga nº15 de Alfonso X. **Cuadernos de arte de la Universidad de Granada**, p. 261-267, 10 nov. 1992. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/caug/article/view/10925/9001>. Acesso em: 28 jan. 2023.

MORIN, Alejandro. **Pecado y delito en la edad media: estudio de una relación a partir de la obra jurídica de Alfonso el Sabio**. 1. ed. Córdoba: Del Copista, 2009.

NIETO SORIA, José Manuel. **Imágenes religiosas del rey y poder real en la Castilla del siglo XIII: en la España medieval**. Tomo V. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986. p. 709-729.

NIETO SORIA, José Manuel. Los fundamentos mítico-legendarios del poder regio en la Castilla bajomedieval. In: **La Leyenda, coloquio celebrado en la Casa de Velázquez (1986)**. Madrid: Universidad Complutense, 1989. p. 56-68.

NIETO SORIA, José Manuel. Origen divino, espíritu laico y poder real en la Castilla del siglo XIII. **Anuário de Estudos Medievales**, v. 27, n. 1, p. 43–101, 1997. Disponível em: <https://estudiosmedievales.revistas.csic.es/index.php/estudiosmedievales/article/view/642>. Acesso em: 10 dez. 2022.

O'CALLAGHAN, Joseph F. **Alfonso X and the Cantigas de Santa Maria – a poetic biography**. Leiden/Boston/Colonia, Brill, 1998.

OLIVEIRA, Luciano A. (Org.). **Estudos do Discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIDAL, Gonzalo M. Los manuscritos de las Cantigas. Cómo se elaboró la miniatura alfonsí. **Boletín de la Real Academia de la Historia**, tomo 150, p. 25-51, 1962. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/los-manuscritos-de-las-cantigas-como-se-elaboro-la-miniatura-alfonsi/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

PIÑERO VALVERDE, M. de la C. Terra da fronteiras: a Espanha do século XI ao século XIII. In: MONGELLI, L. M. (Coord). **Mudanças e Rumos: O Ocidente Medieval (séculos XI-XIII)**. Cotia: Íbis, 1997. p. 149-184.

PISNITCHENKO, Olga. **Cavalaria em Castela através das obras legislativas de Alfonso X**. Encontro Regional (ANPUH- MG), 18., 2012. Anais [...]. Mariana: AMPUH/MG, 2012, p. 1-10. Disponível em: http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1339780925_ARQUIVO_Cavalaria1.pdf. Acesso em: 05 fev. 2023.

PRATA, R. C. A virgem armada: o protagonismo bélico mariano nas Cantigas de Santa Maria compostas durante o reinado do monarca Alfonso X (1252-1284). **Revista Outras Fronteiras**, v. 7, n. 1, p. 312–338, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/385>. Acesso em: 05 fev. 2023.

RIOS SALOMA, Martín F.. De la Restauración a la Reconquista: la construcción de un mito nacional (Una revisión historiográfica. Siglos XVI-XIX). **En la España Medieval**, n. 28, p. 379-414, 2005. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1226618>. Acesso em: 08 jan. 2023.

RODRIGUEZ LOPEZ, Ana. **La consolidación territorial de la monarquía feudal castellana: expansión y fronteras durante el reinado de Fernando III**. Madrid: Conselho Superior de Investigaciones Científicas, 1994.

RUBIN, Miri. **Emotion and Devotion: The meaning of Mary in Medieval Religious Cultures**. Budapest-New York: Central European University Share Company, 2009.

RUCQUOI, Adeline. De los reyes que no son taumaturgos: los fundamentos de la realeza en España. **Relaciones: Estudios de Historia y Sociedad**, v. 8, n. 51, p. 55-100, 1992.

Disponível em:

https://www.academia.edu/35053909/De_los_reyes_que_no_son_tamaturgos_los_fundamentos_de_la_realeza_en_Espa%C3%B1a. Acesso em: 05 jan. 2023.

RUCQUOI, Adeline. El Rey Sabio: cultura y poder en la monarquía castellana medieval. **Repoblación y reconquista** (III Curso de Cultura Medieval, 1991), Aguilar de Campoó, 1993. p. 77-87. Disponível em:

https://www.academia.edu/4081304/El_Rey_Sabio_Cultura_y_Poder_en_la_monarqu%C3%ADa_medieval_castellana. Acesso em: 08 jan. 2023.

RUCQUOI, Adeline. Entre la espada, el arado y la patena: las tres órdenes en la España medieval. **Dimensões**, n. 33, p. 10-35, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/9092>. Acesso em: 26 dez. 2022.

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Trad. Lisboa: Estampa, 1995.

RUCQUOI, Adeline. Tierra y gobierno en la Península Ibérica medieval. In: MAZÍN, Óscar; RUIZ IBÁÑEZ, José Javier (Ed.). **Las Indias occidentales, procesos de incorporación territorial a las Monarquías ibéricas**. México: El Colegio de México, Red Columnaria, 2012. p. 45-69.

SENKO, E. C. ; SOKOLOWSKI, M. Salomão e Maria: alegorias legitimatórias da prática do poder do Rei Afonso X, o Sábio diante da querela com os nobres. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/PR, 15., 2016, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: ANPUH/PR, 2016. [p. 1-13]. Disponível em:

http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1466426200_ARQUIVO_Artigo.pdf. Acesso em: 03 fev. 2023.

SILVA, Alex. Rogério. Apontamentos sobre as Cantigas de Santa Maria de D. Afonso X. **Humanidades em diálogo**, v. 7, p. 113-126, 2016. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/113337>. Acesso em: 02 fev. 2023.

SILVA, Diana Sofia Ferreira Carvalho da. **Milagres e religiosos nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X**. 2020. 207 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Medievais) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2022.. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/131358?mode=full>. Acesso em: 02 mar. 2023.

SILVA, Giselda Brito. História Política e Análise do Discurso: uma escrita da história em construção. In: Simpósio Nacional de História: História e Ética, 25., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-8. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772191_09360da3d90faa91781a3e10b3518379.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

SILVA, Marcio Felipe Almeida. Frontería Sarracenorun: entendendo os conceitos de fronteira em Castela no século XIII. In: FERREIRA, Álvaro Mendes (Org.) [et al.].

Translatio Studii: Problematizando a Idade Média. 1. ed. Niterói: Ed. UFF/PPGHISTÓRIA, 2014, p. 286-296. Disponível em:

https://www.historia.uff.br/stricto/files/public_ppgh/hol_2014_translatioStudii.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.

SILVA, Thalles Braga Rezende Lins da. As Cantigas de Santa Maria e algumas possibilidades historiográficas. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 161-171, jan./jun. 2017.

Disponível em:

<https://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/revistaaugustus/article/view/1777>. Acesso em: 02 fev. 2023.

SILVEIRA, Aline Dias da. Política e convivência entre cristãos e muçulmanos nas Cantigas de Santa Maria. In: ALMEIDA, Cybele Crossetti de; PEREIRA, Nilton Mullet; TEIXEIRA, Igor Salomão. **Reflexões sobre o medievo**. São Leopoldo-RS: Oikos, 2009. p. 39-59.

SOKOLOWSKI, Mateus. **Aspectos da cavalaria nas cantigas de Santa Maria de Afonso X (1252-1284)**. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/43798>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SOKOLOWSKI, Mateus. Identidades, cultura e política nas cantigas de Afonso X o Sábio (1252 – 1284). **Revista Vernáculo**, fev. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/37351/24410>. Acesso em: 11 set. 2022.

SODRÉ, Paulo Roberto. **O Riso no Jogo e O Jogo do Riso na Sátira Galego-Portuguesa**. Vitória: Edufes, 2010.

STELMACH, Yuri Leonardo Rosa. **A representação dos judeus nas ilustrações da obra Cantigas de Santa Maria, do rei Afonso X de Leão e Castela (1252 – 1284)**. 2019. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/205793>. Acesso em: 10 out. 2022.

STELMACH, Yuri Leonardo Rosa. **Entre texto e imagem: violência e antijudaísmo no Códice Rico das Cantigas de Santa Maria do rei Afonso X, de Leão e Castela (1252-1284)**. 2022. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/249789>. Acesso em: 25 de set. 2022.

STRAYER, Joseph R. **As Origens Medievais do Estado Moderno**. Tradução de Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Gradiva, 1986.

TASSO, Rossana Dutra. **Revisitando o papel da história na Análise do Discurso**. In: Encontro do CELSUL - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, 6., 2004, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: CELSUL, 2004. [p. 1-7]. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/REVISITANDO%20O%20PAPEL%20DA%20HIST%3%93RIA%20NA%20AN%3%81LISE%20DO%20DISCURSO.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.